

Luiz Lopes  
**Coelho**

*7 Histórias de Mistério*

# **O Homem que Matava Quadros**

*A Escultora Cinzela a Morte  
O Problema do Triângulo da Suspeição  
Ninguém Morre Duas Vezes  
Denúncia sem Palavras  
Grito de Horror no Abaeté  
Do Êxtase ao Crime?*



COLEÇÃO PRESTÍGIO

EDIURO/90765





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**Luiz Lopes Coelho**

**O Homem que  
Matava Quadros**

Introdução:

**Prof. Osmar Barbosa**

## **Dados Biográficos de Luiz Lopes Coelho**

*Filho de Diomar Lopes Coelho e de D.<sup>a</sup> Maria Delfina Marcondes Coelho, nasceu em São Paulo em 6 de setembro de 1911.*

*Formou-se em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco em 1934, dedicando-se, a partir daí, à advocacia.*

*Homem de contagiante e explosivo bom humor, contador de casos e criatura de coração aberto, ao longo da vida fez milhares de amigos, muitos dos quais artistas e boêmios.*

*Muito embora sua especialidade fosse o Direito Comercial, devotando-se também ao Direito Fiscal, não se limitou apenas a ser um grande advogado, tomando-se, com três livros publicados entre 1957 e 1968, o criador da Detective Story no Brasil.*

*Em matéria de ficção policial, seu preferido era Nero Wolfe, personagem de Rex Stout.*

*Lançou seu primeiro livro de contos, "A Morte no Envelope", em 1957, e o segundo, "O Homem que Matava Quadros", em 1961.*

*Em 1968, lançou o seu canto de cisne, "A idéia de Matar Belina", relançado em 1971. Pode não ter sido o mais célebre, mas foi, sem dúvida, o mais vendido dos seus títulos: de 40 a 50 mil exemplares a tiragem global de cada uma das edições, de 68 a 75.*

*Entretanto, seu interesse pela arte não se restringiu à literatura, uma vez que, entre outros cargos, exerceu o de diretor da Fundação*

*Cinemateca Brasileira, diretor-presidente da Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna e membro do Conselho Consultivo da Fundação Bienal de São Paulo.*

# Introdução

*Prof. Osmar Barbosa*

*Luiz Lopes Coelho já se definiu como o melhor escritor brasileiro dentro da literatura do gênero policial. Muitas são as obras dessa espécie, escritas por renomados autores estrangeiros e que aportam entre nós sob os mais calorosos aplausos.*

*Não aceitando a tese de alguns derrotistas que tal tipo de narrações não podia jamais encontrar ambiente nas letras aborígenes, Luiz Lopes Coelho tem provado o contrário com seu magnífico talento. No Brasil, também, com as próprias cores de nosso nacionalismo se pode dar esplêndida nuança a essa faceta palpitante da literatura. Para isso, dentro da marcha dos acontecimentos policiais, fugindo aos casos mais rotineiros, e também nisso empenhando a sua brilhante imaginação, o notável escritor paulista foi buscar elementos que o consagraram como verdadeiro mestre no assunto.*

*Tanto O Homem que Matava Quadros como A Morte no Envelope são livros que apontam as excelentes qualidades de Luiz Lopes Coelho no gênero a que se vem dedicando desde sua estréia nas letras.*

*A voz unânime da crítica reconhece o valor de suas obras. Entre os que comentaram seus livros, houve quem dissesse: “Repletas de mistério, suspense e situações imprevistas, as histórias de Luiz Lopes Coelho apoderam-se do leitor e*

*proporcionam-lhe horas de inesquecível e emocionante entretenimento.”*

*E aplaudindo o seu talento:*

*“Autêntico mestre do gênero, considerado pela crítica o Simenon brasileiro, o autor sabe inventar enredos intrincados, deslindá-los logicamente, criar atmosfera adequada, e, ao mesmo tempo, dar a cada uma de suas páginas tratamento literário da melhor qualidade.”*

*Na verdade, seus contos estão cheios de tramas surpreendentes, cativando a atenção do leitor a cada linha e levando-o quase de um só fôlego até o desfecho.*

*São sete as histórias que compõem o livro “O Homem que Matava Quadros.”*

*Toma o título da obra um de seus mais interessantes contos.*

*Diz uma velha máxima que um soneto deve ser aberto com chave de prata e fechado com chave de ouro. E foi somente com chave de ouro que Luiz Lopes Coelho abriu e fechou o seu livro. O primeiro, que fala da morte da encantadora Doraci, é de grande validade pelos pormenores que cercam o mistério, desvendado no final de maneira quase abrupta. A narração feita na primeira pessoa conduz os fatos para um desfecho inesperado.*

*Depois vem o “Grito de Horror no Abaeté”, mostrando o fim trágico de um marido enciumado e desesperado.*

*O melhor do livro está no terceiro conto, aquele que dá título ao livro, onde o autor deixa exposto todo o brilhantismo de seu talento.*



*O leitor também se empolgará com “A Escultora Cinzela a Morte”.*

*No quinto conto, mais uma vez, o célebre personagem que o autor criou para figurar em suas histórias, o arguto delegado Dr. Leite, se vê às voltas com um dos casos mais intrincados de quantos já passaram por suas diligências, pois são três os suspeitos em tomo de um misterioso crime.*

*Muito bons também os dois últimos contos do livro, “Ninguém Morre Duas Vezes” e “Denúncia sem Palavras.”*

*Vale a pena ler esta obra com tão grandes emoções em suas páginas, onde a fluência dos estilo se acha bem ajustada ao conteúdo das narrações.*

# Do Êxtase ao Crime?

## *Dia do Confronto*

A Morte de Doraci veio confirmar minhas idéias: ao juiz de Direito veda-se o gosto pronunciado por mulheres, jogo ou práticas levianas, sob pena de mácula na carreira, ao passo que os deputados, senadores, ministros de Estado continuam incólumes se, porventura, cedem a qualquer daquelas tentações. *Data vertia*, é uma injustiça com os membros do Poder Judiciário...

Não é salvo das sanções ainda se julgador emérito, ainda se prestigiado na vida forense. Cultivando pendores singulares, distanciam-se as promoções, chegam as disponibilidades. Não se diga que, por julgar as debilidades humanas, deva pairar acima delas. É rejeitável, à evidência, a incompatibilidade entre ser fraco e julgar as fraquezas de seus semelhantes. Quem sabe, por isso mesmo, possa até avaliá-las com mais aptidão.

O assassinio de Doraci confirmou o raciocínio, há tanto tempo enraigado em meu espírito.

E não foi por desrespeito à função judiciária que me vi enredado no caso. Tomei todas as cautelas, poupei atitudes, abafei meus passos, mas a barragem não deteve a catadupa dos fatos e, *ex-abrupto*, senti-me carregado por eles.

## *Dia de Doraci*

A severidade do comportamento do juiz de Direito, reclamada pelos contribuintes de impostos, às vezes acarreta situações contrárias ao interesse deles. No meu

caso, por exemplo, herdeiro de apetites mulhereiros, provindos do monte-partível de meu avô, não pude senão aproveitar os ensejos nascidos no exercício profissional, pois a vida social modesta, policiada, o excesso de trabalho, a remuneração parca impediam-me as aventuras comuns, onde se gasta presença, tempo e dinheiro. Já naquele dia, no início da minha carreira de magistrado, quando despachei o primeiro requerimento, a emoção do ato confundiu-se com a que me deixou a filha do escrivão, de olhos e quadris buliçosos.

Assim, quando Doraci entrou na sala, acometendo-me com os seus olhos súplices, espantei-me, não só por eles, mas também porque o rosto amadonado, róseo, os seios pequenos mas insinuantes, as pernas longas sem sacrifício da robustez conformavam uma das mais graciosas organizações somáticas até hoje vistas.

*In limine*, levei a súplica do olhar a conta da pretensão logo transmitida de ver fixada em tantos cruzeiros a pensão alimentícia devida pelo marido, no desquite. Mas, quando se retirou, perdurava ainda o olhar de inquietação mansa, mesclada à doçura de um apelo.

E, com Doraci, agravou-se o pendor, até então bem dosado. Tomei-a por amante, teúda e manteúda. Fossem pingues os vencimentos dos magistrados, e ter-me-ia sido indispensável arranjar-lhe um emprego. Fi-lo por via indireta, com muito engenho, ainda não o bastante, como apurei mais tarde. Pedi-lhe, depois, renunciasse à pensão dada pelo ex-marido, mediante requerimento a ser feito por seu advogado. Não me atendeu e, daí, a meu ver, uma das razões por que tudo terminou tão mal. Transferido para uma vara criminal, era-me difícil, sem despertar reparos, verificar — *de visu* — se realmente desistira da pensão. Ademais, acreditei nela, como aliás sempre aconteceu quando ilustrava suas frases com o olhar de prece.

## *Dia da morte*

A porta fechada, com a chave na parte interior da fechadura, obrigou o arrombamento. Encontraram-na estrangulada, na cama. A súplica dos olhos crescera, por certo no afã de implorar quietude às mãos que lhe apertavam o pescoço. Embora preparada para sair, vestida com o *tailleur* azul por mim oferecido, o médico legista assinalou marcas de amor concluído momentos antes da morte. Denunciavam, consoante comentários, a suprema brutalidade do assassino, que teria passado, *ab irato*, do êxtase ao crime.

Temí os resultados do trabalho da polícia técnica, sempre exercido com meticulosidade. Além de meu desmedido interesse pelo caso, lembrei-me de que, certa feita, Doraci recortara de um jornal a minha fotografia, publicada com a notícia de sentença por mim proferida em processo movido contra uma empresa de incorporações que ludibriara dezenas de condôminos.

Doraci, no entanto, obedecera a recomendação continuada: não havia vestígio da presença de qualquer outra pessoa no apartamento. Mas essa conclusão não me tranqüilizou. É muito freqüente a polícia ocultar, de início, dados e sinais obtidos, mormente se lançam suspeita sobre um juiz de Direito.

## *Dia de Alberto*

Alberto Breugel foi o primeiro homem a atender às súplicas do olhar de Doraci. Atendeu a elas em plenitude, *ab imo pectore*, até o altar. Segundo ela afirmava, o casamento transformara-se num processo desilusório

crescente. Alberto não era o homem imaginado na sua adolescência. Com o correr do tempo, afrouxaram o zelo, a gentileza, o respeito, apanágio do namoro e do noivado. Nem ele era o corretor dinâmico e próspero que dizia ser. Trabalhava num escritório de corretagem, mas nunca liderou uma transação: coadjuvava colegas mais inteligentes e expeditos. Declarava-me ela, com o seu olhar de prece: só se ama a quem se admira... Quando Doraci começou a perguntar-se se, na realidade, havia gostado de Alberto, partiu-se o casamento. Assim claudicante, durou mais um ano para depois, degenerado em desquite, libertar a moça da reclusão. Alberto, inconformado, tudo fez para evitar a fuga da pomba e, no esforço, ficou com as mãos cheias de penas. Procurou obstruir o desquite, porém sua mãe, pouca amiga de Doraci, constrangeu-o, assoprou as penas e afinal fê-lo assinar e confirmar o pedido em juízo.

Conselho em matéria de amor não deve sequer ser ouvido; se o for, deixá-lo desvanecer-se. Se obedecido, é certo o arrependimento. Em breve Alberto increpava quem o induzira a separar-se de Doraci e construía em areias passadas: “se eu tivesse resistido, quem sabe nossa vida estaria refeita.” Ante a inutilidade de suas tentativas, procurou ferir Doraci. Aproveitou-se do fato de estar empregada e de morar, agora, sozinha em apartamento para requerer ao Juiz da Família e Sucessões o cancelamento da pensão, já que Doraci possuía elementos próprios para sua subsistência. Insinuava maldosamente, *cum grano salis*, que outras tendas marginais auxiliavam a economia caseira “pois a suplicada não vivia tão só como alegava...”

As reticências agravaram meus temores e pus-me a pensar, de novo: fosse eu deputado ou membro do Poder Executivo, e a hipótese da eclosão do caso amoroso afetaria apenas a família, sem qualquer risco da cadeira da Câmara ou do posto funcional.

Mas, pobre de mim! Quê de pretensões assomam ao coração de quem é ou se julga feliz com as mulheres! Nem o empilhar do ouro das fortunas; nem o pastoreio das palavras na concepção da obra literária; nem a disciplina de espírito e músculos na busca dos recordes e dos êxitos monásticos; nem a estratégia do jogo à procura do prêmio propiciam as emoções e os encantamentos da conquista de uma mulher que se deseja ardentemente.

Mas, pobre de mim! As reticências da petição de Alberto não se destinavam a mim, mas a Rogério Vivianich, brasileiro, solteiro, médico, residente nesta Capital.

### *Dia de Rogério*

Soube da sua existência no dia do crime, mas há algum tempo ele existia profundamente — *in petto* — no coração de Doraci. Foi, em verdade, o único homem amado por ela, com quem seria feliz. O fato de eu ser casado, e juiz de Direito, reduzia de muito o tempo da dedicação a Doraci. Não podia levá-la ao cinema, às festas, a passeios em fins de semana. A princípio, Rogério substituiu-me nesses encargos, e aos poucos conquistou a moça, com quem queria casar-se. Doraci — eu o soube depois — apaixonou-se pelo médico, jovem e bonitão, esperando o momento de partir. Que me diria Doraci? Que faria Doraci?

### *Dia de mim mesmo*

Acuado pelo desastre amoroso, olho-me no espelho: atrás de mim, meio século percorrido noto, pela primeira



vez, o branco remontando o alto da cabeça, a opacidade da pele a insinuar-se decididamente, as rugas, em condomínio, na testa e no canto dos olhos. *Et reliqua*. O resto do corpo, visto por fora, mantém ainda a dignidade dos tempos primeiros.

Ao ler as declarações de amor a uma morta, feitas com naturalidade por Rogério Vivianich na polícia, entendi que também a minha linguagem envelhecera. E eu a pensar que a sintaxe do amor é imutável, porque não só composta de palavras, mas constituída ainda de prosódia especial, de tons meigos, suaves, favorecidos pelo olhar e pelas mãos!

Tenho a impressão de que, neste encontro comigo, me valem as qualidades de bom juiz no exame das manifestações contrárias das partes: de um lado, o corpo, a fantasia, o desejo; do outro, a contestação inelutável apresentada pela vida, a pedir prudência, recuo, conformação.

Sou um teólogo do Direito, cumpro a sua finalidade suprema, a Justiça. Quem sabe se me tivesse dedicado ao cultivo do Direito puro, dos problemas abissais do seu Princípio, do Porquê, do seu Destino Social, ter-me-ia apartado de Eva? Não dela, mas sim do Direito, haveria de conhecer agora a anatomia, por completo...

## *Dia da imprensa*

Pela leitura dos jornais pude avaliar os resultados das investigações sobre o assassinio de Doraci.

Nas primeiras notícias um dos repórteres, por certo o mais leviano, lançava — *ab absurdo* — a hipótese do quarto fechado, procurando enriquecer o mistério que já emoldurava a morte de Doraci. Mas logo depois

esclareceram ser a fechadura de duplo comando. O assassino teria saído do apartamento e fechado a porta por fora, através do tambor da parte externa, sem que a isso se opusesse a chave colocada no tambor interno.

Há uma força estranha que obriga o homem enganado a farejar o adultério. Segue a mulher, fica a espreitá-la, anseia pelo flagrante, mesmo quando a ama de verdade.

Alberto Breugel, o ex-marido, disse que foi até o apartamento, com um oficial de justiça, para obter provas de suas alegações sobre o cancelamento da pensão alimentícia, mas, de fato, buscava informar-se sobre a vida de Doraci.

Ao entrar no edifício, declara em seu depoimento na polícia, dirigiu-se ao elevador que, quase em seguida, tocou o pavimento térreo. A porta abriu-se, um homem saiu do interior, cruzando com ele. Nesse momento, Alberto disse ao oficial de justiça: “Cheguei tarde. É o homem que anda com ela.” Tratava-se de Rogério Vivianich.

Apertou o botão do 6.º andar, onde desceu, sempre em companhia do oficial de justiça, a quem solicitou tocasse a campainha da porta de entrada e intimasse Doraci para prestar esclarecimentos sobre o contrato de locação do apartamento, valor do aluguel, fiador, e sobre a qualificação do seu emprego e o *quantum* do ordenado. Aguardaria o resultado, escondido atrás da coluna, perto da escada.

Ninguém atendeu aos seguidos toques, perfeitamente audíveis do lado de fora. Desceram. Alberto foi embora e ficou *in loco* o oficial de justiça, na portaria, aguardando a chegada de Doraci para intimá-la. Passaram-se duas horas. Procurou, então, o zelador para conhecer os hábitos de Doraci. Ele estranhou não estivesse a senhora no apartamento, pois não a vira sair para o emprego na hora do costume. Já era uma hora da tarde e, normalmente, saía às onze e meia. O zelador telefonou para a repartição: Doraci não havia ido trabalhar. Esperaram mais uma hora.

A aflição dominou o zelador e, minutos depois, juntamente com dois soldados da Radiopatrulha, forçou e abriu a porta do apartamento. Lá encontrou os olhos inutilmente súplices.

## *Dia do desespero*

Expressões e atitudes de Romeu, Cirano, Werther, Dirceu, Salviati foram lembradas nas frases de amor, nas ternuras, no desespero com que Rogério recebeu a notícia da morte da amada. Revolta enfurecida, com cesuras de pranto e desfalecimentos, quando soube que lhe imputavam o crime. Protestos, rogativas, pragas, juras de vingança amontoaram-se até a exaustão. Tudo envolvido em lirismo, com a constante do amor perdido, do pesar sem fim, do vazio.

No começo, a exaltação repercutiu no meio policial e na imprensa como ridícula, mas a manutenção do tom apaixonante, a sinceridade do olhar — desde a dor até o ódio — os meneios e gestos entre a docilidade e o arroubo, tudo sob o reino da juventude, transformaram o menoscabo em interesse e, depois, este em admiração. Os repórteres, dois deles principalmente, deram relevo à inusitada reação e, contaminados pela ardência do espetáculo, passaram a não compreender como Rogério teria estrangulado Doraci. Chegaram até a insinuar dúvida sobre a autoria do delito. Outro focalizava, agora, com mais consistência, o comportamento do marido escudado tão-somente na palavra do oficial de justiça. *Testis unus...*

Contava Rogério que fora ao apartamento, sem avisar Doraci a fim de comunicar-lhe a sua nomeação para cargo

de médico de um serviço do Governo estadual, esperada por ambos com ansiedade: significava a união, a vida comum, a felicidade. Devia fazê-lo, porém, com rapidez, pois logo em seguida, em hora marcada, iria agradecer a nomeação ao Secretário de Saúde. Doraci demorou a abrir a porta. Quando o fez, foi atacada pela notícia e pelos carinhos de Rogério, que terminaram em amor arrebatado. Deu-lhe um último beijo e deixou-a ainda na cama, vencida pelo transe excelso.

Essa a história contada por Rogério.

Mas o encontro com Alberto e o oficial de justiça e os fatos subseqüentes acusavam-no inapelavelmente.

Meu nome não apareceu nas notícias.

## *Dia da conversa*

Conhecia o delegado Leite por suas intervenções em alguns casos de crimes misteriosos, mas nunca, nem *ex-vi* da minha qualidade de juiz criminal, tivera a oportunidade de conversar com ele. Pelo telefone, pediu-me audiência para tratar de assunto de meu interesse, preferindo, segundo disse, que o encontro não se verificasse no Palácio da Justiça ou em minha casa. Suspeitei, é evidente, tratar-se do caso de Doraci, mas não podia atinar com o caminho seguido pelo delegado para chegar até mim. Respondi-lhe que o receberia em minha casa, pois não via nisso inconveniente algum.

Homem bonito, à beira dos cinqüenta anos, com a cabeleira embranquecida, realçando a lisura da pele e o fulgor dos olhos. Um pouco desajeitado, exprimia-se de maneira clara, precisa, num contraste altamente simpático.

O assunto interessava-me sobremaneira e daí poder reproduzir *esses ver bis* nosso diálogo.

— Vim aqui em busca de sua colaboração para deslindar o crime do edifício “Príncipe de Gales”. Devo antes, porém, dar-lhe conhecimento dos resultados de minhas investigações: envolvem a sua pessoa.

— Esteja à vontade, Dr. Leite. O senhor apenas cumpre o seu dever.

— Estimo que pense assim. Evitarei pormenores para não ser maçante. Vou fazer afirmações. Interrompa-me, por obséquio, se inexatas. O senhor conheceu Doraci há alguns meses, quando funcionou na parte final do processo de desquite. Apurei que o senhor interferiu, embora discretamente, na nomeação dela como funcionária da Secretaria de Justiça. Depois, o senhor cometeu um erro que foi, na realidade, o ponto de partida das investigações a seu respeito. Quando Doraci alugou um apartamento, há seis meses, teve que resolver o caso à pressa, pois havia outros candidatos à locação. A empresa administradora exigiu um depósito de trinta mil cruzeiros, correspondentes a três meses de aluguel. Julgo que o senhor disse a ela para descontar o cheque e fazer o pagamento em dinheiro. Ela, porém, temeu perder o apartamento. Foi diretamente à empresa e entregou o cheque. Não fosse o assassinio, e o fato não teria a menor importância. Mas, depois disso, suspeitar de que o senhor era amante de Doraci não é ser muito sagaz...

— Admissível.

— O senhor agiu com muita inteligência ao escolher o prédio para Doraci morar. No “Príncipe de Gales” só há um apartamento por andar. No último mora um livreiro que importa livros de Direito em pequena escala. É bastante freqüentado por advogados, juizes, professores, ponto de reunião, de conversa. O senhor subia diretamente para o sétimo andar, fazia a visita costumeira, e saindo, ao invés de descer pelo elevador, descia pela escada para o sexto

andar para ver Doraci. Depois fazia o mesmo caminho de volta, ou dava outra solução, de acordo com a conveniência do momento.

— Admissível.

— O senhor esteve no prédio no dia do crime. Mais ainda: por volta da hora em que ele foi cometido.

— Não se trata de uma acusação?

— De maneira alguma. A princípio cogitei da possibilidade de ser o senhor... o criminoso. O móvel do crime seria o ciúme: o senhor teria, nessa hipótese, descoberto as relações de Doraci com Rogério. Informa Rogério que Doraci relutou em abrir-lhe a porta. Explica-se: estava na hora de sua visita. Poder-se-ia pensar assim: o senhor, ao retirar-se da livraria, desceu a escada, viu Rogério sair do apartamento. Escondeu-se, aguardando que ele entrasse no elevador. Em seguida entrou no apartamento, apurou a infidelidade, matou Doraci e retirou-se, subindo para o sétimo andar.

— Inadmissível.

— Estou de acordo. O elevador, carregando Rogério, levou vinte segundos para chegar ao térreo e subiu imediatamente com o marido de Doraci e o oficial de justiça. Em cinqüenta segundos, mais ou menos, nem o senhor nem ninguém teria tempo para abrir a porta do apartamento, entrar, estrangular uma mulher, sair, fechar a porta e subir novamente a escada.

— E então?

— E então? Desejo saber o que fez, que informações pode fornecer sobre o caso. E isso porque, Dr. Gérson, não consigo abandonar a hipótese da inocência de Rogério. Embora tudo conspire contra ele, impressionou-me a veemência dos seus protestos. Sinto autenticidade nas suas maneiras tresloucadas, líricas. A não ser que seja ator de primeira água. O outro suspeito, o marido, esteve sempre acompanhado do oficial de justiça. A polícia reputa



satisfatórias as declarações prestadas por ele. Naturalmente, o senhor as conhece.

— São exatas as suas observações sobre o que havia entre mim e Doraci. Naquele dia, sozinho como sempre, deixei o livreiro e comecei a descer a escada para o sexto andar. Já no segundo degrau, pude ver o marido de Doraci, atrás da coluna, de costas para a escada. Falava com alguém. A surpresa do encontro impediu-me de ouvir do que tratavam. Retrocedi imediatamente, sem ruído, tomei o elevador e fui-me embora. Contava, depois, apurar o que teria levado o marido a procurar Doraci. Nada mais aconteceu, Dr. Leite.

— O senhor pode citar alguém que estivesse interessado em Doraci, ou algum fato de sua vida capaz de nos dar uma pista qualquer?

— O senhor bem sabe a natureza das relações que eu mantinha com ela. Foram raríssimos os encontros fora do apartamento. A princípio, no apartamento de um amigo. Depois, lá no “Príncipe de Gales”. Jamais se referiu ela a alguém ou a qualquer acontecimento que possa ser relacionado com o delito.

— Bem, Dr. Gérson; enquanto puder, mantereí seu nome afastado do caso. As investigações a seu respeito foram feitas por mim, pessoalmente.

Agradei os cuidados com que me cercava: *Fama volat!...* O delegado retirou-se.

## *Dia do delegado*

Nova visita do Dr. Leite. É um homem tenaz. Para ele o mistério é como farpa no dedo: incomoda, irrita,

impacienta, enquanto não extraída.

Disse-me com sinceridade que o caso dependia de uma última hipótese. Se ela não fosse verdadeira, encerraria o inquérito, inculcando Rogério Vivianich. A verificação dependia tão-só do meu depoimento. Prestei-lhe a informação. Foi-se.

Trata-se, de fato, de um profissional de muita experiência, de muita sensibilidade, de muita perícia.

Quando Doraci abriu a porta para Rogério, depois de sua insistência, ele segurou-lhe as mãos e, em tom patético, disse-lhe haver sido nomeado médico do Isolamento. Iria ao gabinete do Secretário de Saúde, dentro de vinte minutos, para agradecer a nomeação, mas ansiava por comunicar o fato a Doraci, pois, isso representava o casamento, a felicidade de ambos. E no seu fervor incoercível pôs-se a beijá-la, a acariciá-la, a entorpecê-la de afagos, para depois, mansamente, na aluvião de ternuras, empurrá-la para dentro do quarto, bater a porta, com uma das mãos solta do corpo em lassidão plena, deitá-la na cama e, no desvario do desejo, tê-la para si, numa soma de amor, de juventude, de força, de beleza.

No apogeu do amor, do prazer, Doraci esqueceu-se de mim, no banheiro, onde fora ocultar-me para que, a meu pedido, pudesse atender a quem tão sofregamente batia à porta.

Depois da cena que presenciei, cinqüenta segundos são demais para matar e fugir.

*Dia do fim e Dies irae*

O delegado tinha razão. Na prevalência de seu raciocínio, só havia uma saída: eu estava dentro do quarto. E estava mesmo. E isso confessei por escrito.

Menti-lhe, afirmei que não. Para ganhar tempo, para enganar-me, para pensar no que fazer. Em respeito à justiça — por mim sempre servida com empenho, eficiência e afetividade — não posso permitir pague um jovem por crime alheio. E porque sou juiz de Direito, a quem não se permite o paladar das fraquezas, erguerei este revólver até a altura do meu coração.

*Minima de malis*

## Grito de Horror no Abaeté

O Passageiro, sem se voltar, curvou o braço para trás, mantendo o papel na mão. A moça apanhou-o: “Informações sobre o vôo n.º 558 Destino: Salvador. Situação: Sobrevoamos Vitória. Velocidade: 400 km/h. Altitude: 2.500m. Tempo em Salvador ótimo.”

Ao ver Eunice sorrir, Tércio pediu o boletim para decifrar o sorriso. Notou uma flor-de-lis desenhada a lápis numa das margens. Mas explicou-o pela notícia do tempo em Salvador. Uma das fraquezas de sua mulher era o medo das viagens aéreas, sobretudo durante o problema do pouso. Preferiu não comentar as condições atmosféricas favoráveis, a fim de não sublinhar a debilidade da esposa.

Há algum tempo esmerava-se no trato a Eunice, sem que tais zelos se filiassem ao resgate de culpas secretas, como fazem alguns maridos, afeitos a essa cômoda e fraudulenta contabilização. Fundavam-se os desvelos na inquietação provocada pelo crescente retraimento da mulher na intimidade conjugal e por inexplicável intensificação dos compromissos sociais do casal, sempre redundando em fadiga, impedindo diálogos e entendimentos. Aguardava espontâneos esclarecimentos da esposa ou, mesmo sem eles, a volta ao comportamento anterior; procurava, durante a espera, não agravar o imprevisto ritmo das suas vidas. Amava-a tanto, e com tanto respeito, que lhe era penoso inquirir, apurar, contender. Levava a atitude à conta de mal-estar físico transitório ou mesmo moral, se se atentasse aos cuidados surgidos com a enfermidade da mãe de Eunice. A idéia de desinteresse por ele surgiu e apagou-se como um *flash*. Dessa conjuntura, nascera em Tércio um estado de prontidão espiritual que lhe atilara os sentidos na premonição dos desejos da mulher, e também na observação de seus gestos, dos fatos — mesmo os de rotina — ocorridos em seu derredor.

Surgiu o Recôncavo, na sua surpreendente grandeza, “Coqueiros de Itapoã...”, a lagoa de Abaeté, o campo, o pouso do avião. Sôfrega,

Eunice desafivelou o cinto. Tércio: “Não fosse o medo... e o gesto poderia significar, inconscientemente, um anseio de liberdade.”

O alvoroço de chegada dos turistas só terminou quando, instalados no ônibus, prelibavam, com justificada excitação, a realidade do sonhado desejo de conhecer a Bahia. Percorreram a estrada das praias brancas: Itapoã, Chega Nego, Pituba, Amaralina e, depois, a Avenida Oceânica passando pelo farol da Barra até chegar ao Hotel da Bahia.

Tércio e Eunice viajavam em companhia de um grupo de amigos, cerca de dez pessoas, para quem o gerente do hotel reservara uma mesa no fundo do salão, perto da janela. Todos unidos pela idade, por volta dos trinta, pelo júbilo e aprazimento das férias, inteiramente dedicadas às coisas belas da Bahia.

Lendo o cardápio, Eunice sorriu com meiguice. Depois de concordar com a “sugestão do *maître*”, dirigiu um olhar ligeiro para o lado direito da mesa, nitidamente endereçado a alguém. Vigilante, Tércio, sentado à frente da mulher, procurou o alvo, porém não pôde distingui-lo. Chegada a sua vez de escolher, antes mesmo de correr os olhos pela lista, deparou com a flor-de-lis, desenhada a lápis. Continuou a policiar as atitudes de Eunice, mas não surpreendeu nenhuma outra manifestação. Com a flor-de-lis recebida de novo pelo sorriso meigo, começava a progredir a idéia da existência de alguém. Tratava-se, é claro, de um sinal, da marca de uma presença, e de uma presença bem acolhida. Na ponta da mesa sentavam-se André e Luís Carlos. Tércio eliminou Luís Carlos e concentrou-se em André, amigo recente. Altamente simpático, aplicado no acender os cigarros das senhoras, no apanhar as bolsas, no afastar as cadeiras,

constantemente disposto a dançar, fazendo-o com elegância e leveza.

Depois do café, o grupo reuniu-se no terraço no extremo do salão, onde boas poltronas e a brisa formavam o ambiente exigido pela moqueca de peixe com pimenta-de-cheiro. Tércio atrasou-se, propositadamente, e de sua chegada não se aperceberam os companheiros, atraídos pelas divagações de André. Postou-se ao lado de uma coluna, de onde podia ouvir e fiscalizar.

— Existe, sem dúvida, a linguagem das flores. É uma das formas poéticas da sintaxe do amor. Essa linguagem se exprime através de duas regras principais: o colorido das flores e os sentimentos de que elas, por qualquer maneira, possam ser símbolos. Há uma intimidade muito grande entre a significação emblemática e a expressão das cores. O exemplo clássico é a flor de laranjeira: significa a virgindade. A rosa, todos o sabem, é amor. O cravo quer dizer ardor: “Eu te amo com todo o ardor.”

— E a hortências?

— O capricho. “Por que ser indiferente?” O gladiolo tem uma história bonitinha. Significa o encontro de amor. Num ramo ou numa cesta indica, pelo número de flores, a hora do encontro.

— E a tulipa?

— De todas as cores, significa declaração de amor. O jasmim quer dizer amor voluptuoso... A ervilha-de-cheiro, a falsa modéstia. A flor-de-lis, quando branca, é a pureza: “Meus sentimentos são puros.” Se amarela, o orgulho. “Orgulho-me por te amar.”

Os olhares cruzaram-se, penetraram um no outro, picados de lampejos. Tércio afastou-se cabisbaixo, pensativo.

O ciclame é a flor do ciúme.

\* \* \*



Manhã deliciosamente vivida na cidade alta. A Catedral, a sacristia, o Museu de Arte Sacra, o Terreiro de Jesus prolongando-se até o Largo do Cruzeiro de São Francisco, e depois a apoteose dourada das visitas: a igreja de São Francisco. Num canto de rua, as moças queimaram os lábios com o acarajé quente e apimentado. Refrescaram-se com o suco da verdadeira e magnânima laranja-da-baía.

Pobre Tércio, sem paladar nos olhos e na boca, na caminhada da amargura! Tanta beleza trocada por pensamentos brotados do infortúnio!

“Tarde livre. Sugestão: compras nos mercados e feiras.”

— Tércio: Maria do Carmo e eu vamos fazer compras. Você não gosta dessas coisas. Por que não aproveita para visitar o Sampaio?

— Boa idéia. A esta hora deve estar no escritório.

— Você nos deixa primeiro no mercado?

— Feito.

O táxi seguiu para a cidade baixa, largando as moças na Praça Cairu. Logo adiante, Tércio desceu e dispensou o motorista. Desconfiara das duas amigas. Por que se afastavam do grupo? Por que a sugestão da visita ao Sampaio? A distância, controlava as saídas do mercado. Passaram-se dez minutos. Eunice surgiu à porta, à procura de alguma coisa. Encontrou. Tércio agiu da mesma maneira. Os dois táxis partiram quase ao mesmo tempo, separados por curta distância.

— Para onde é que ele está indo?

— Acho que é para o Dique, seu dotô.

— Que é esse Dique?

— Dizem que é o lago sagrado do nego baiano...

Quando o táxi da frente parou, Tércio pediu ao motorista que virasse à esquerda na esquina. Pagou, recusou o troco. Sorriso branco e malicioso:

— Obrigado e boa sorte, patrão...

Quando atingiu a beira do lago pela rua paralela, Tércio escondeu-se atrás de uma árvore para ver a canoa partir,

maculando a tranqüilidade esverdeada do Dique. As lavadeiras estendiam cores na relva das margens. Os casebres encarapitavam-se nas colinas, cingidos por farta vegetação. Mas os olhos de Tércio seduziam-se pela canoa, já no meio do lago. André paralisou os remos. Movimentou-se o vestido azul, aquietou-se ao lado da mancha branca. A canoa recomeçou a fazer traços na superfície. Encostou na margem. Desceu o vulto branco e depois o vestido azul. As duas cores entraram pelo mato adentro,

Tércio fechou os olhos, apoiou o corpo na árvore, como se não pudesse mais sustê-lo. Quando os abriu, passaram as lágrimas. Voltou pela rua vazia, com lentidões e pausas, enxugando lágrimas, entre atonias e desesperos, com vontade de morrer e de matar.

\* \* \*

“Às vinte e uma horas: Visita à lagoa encantada do Abaeté.”

Enquanto falava ao telefone, no balcão do bar, Tércio, obediente ao hábito, rabiscava a folha do bloco de anotações. Ao desligar, destacou-a e depois de amassá-la, atirou-a a um canto. Desconfiada com a atitude seca do marido, Eunice passou a observá-lo intensamente, no temor de conhecer a causa da mudança.

Retornando, Tércio segurou a mulher pelo braço e afastou-a do grupo.

— Eunice: o Sampaio confirmou o encontro. O Governador vai receber-me entre nove e nove e meia. Não posso perder essa oportunidade. Vá você ao passeio. Se a reunião terminar cedo, o Sampaio me levará pra lagoa. Se não, você volta com Maria do Carmo.

Reuniram-se aos amigos. Luís Carlos, entusiasmado:

— Nós vamos tomar banho na lagoa, Tércio! Não esqueça de levar o seu calção. Vai ser ótimo.

Eunice acompanhou o marido até a escada. Voltando, dirigiu-se ao bar e pôs-se, com os olhos fixos no chão, à procura da folha de papel amassada. Encontrou-a, desfez-lhe as dobras: flores-de-lis.

\* \* \*

“Abaeté é uma lagoa escura, arrodeada de areia branca...” Da escuridão e da placidez das águas emana o mistério, configuram-se lendas, obrigando o visitante a sentar-se nas areias e a meditar. Em noite de lua ficam as águas mais escuras ainda. Se o violão afinar com as estrelas, se uma voz “falar dos encantos de Oxum”, o misticismo arrepia o corpo da gente.

A alacridade das caravanas de turismo espanta de leve o mistério. Mas a algaravia dos grupos instalados na rampa de areia branca amortecia, à medida que a lagoa dominava as sensibilidades.

Rapazes desceram a rampa e atiraram-se n’água.

Porque Eunice manifestara o anseio de falar-lhe a sós. André abandonou o grupo discretamente, dirigiu-se para o lado direito e, contornando um trecho da lagoa, parou entre os arbustos que a circundam. Eunice acompanhou-o com os olhos e dispôs-se a fazer o mesmo caminho. A noite escura facilitava a manobra. Não se tinha ainda afastado senão poucos passos quando estalou o grito de terror. Quem, conduzidos os olhos pelo som, divisou o lado oposto da lagoa, pôde ver um vulto rolar e estatelar-se na margem.

Encontraram André com o peito trespassado por uma faca, enfiada pelas costas.

Um baiano disse:

— Aí atrás é um descampado. O homem não tem onde se esconder. Não agüenta a areia fofa. Vamos pegá-lo.

A solidariedade humana, o incitamento da visão do sangue, o contágio das atitudes, o espírito de imitação

organizaram uma espetacular caçada ao assassino. Distribuíram-se os homens em grupos de dois, abrangendo a extensão da lagoa, alguns munidos de lanternas. Os automóveis, conduzidos para a estrada, além de interditá-la, iluminavam com os faróis a marcha da perseguição. Alguns pescadores, tangidos pela notícia do crime, incorporaram-se à empresa patrulhando os lugares de passagem obrigatória do criminoso, se porventura furasse o cerco. Duas horas foram gastas na busca árdua e perseverante. Os homens voltavam revelando frustração e cansaço. O assassino escapara, inconcebivelmente.

O corpo de André foi removido para o necrotério. As caravanas de turistas encetaram o retorno, sob silêncio e decepção.

O mistério da morte de André enriquecia as lendas da lagoa, que continuava a ofertar ao beijo luminoso das estrelas o negrume e a serenidade de sua face.

\* \* \*

Eunice desceu do ônibus com Maria do Carmo, encaminhou-se à pressa para a portaria do hotel. Viu logo a chave pendurada sobre o número 505. Subiu as escadas, percorreu o salão, perguntou a empregados. Tércio não voltara. Procurou o número do telefone do Sampaio, fez a ligação, atendida com certa demora.

— Maria do Carmo, meu Deus! A audiência com o Governador foi cancelada. Sampaio não viu o Tércio esta noite!

— Então foi ele mesmo, Eunice!

— Que horror, Maria do Carmo! Estou com medo. Venha dormir comigo, por favor. Não tenho coragem de ficar sozinha.

Às nove horas da manhã, Eunice comunicou à Polícia a ausência inexplicável de seu marido. Iniciaram-se as buscas, prolongadas por todo o dia. Tércio não foi

encontrado, como não o foi também nos dias seguintes. Filiaram o desaparecimento à autoria do crime, mormente depois que Maria do Carmo espalhou o segredo do amor clandestino.

*Meu caro Proença:*

*Recebi a carta em que me pede ajuda no esclarecimento do crime da lagoa do Abaeté. Pobre de mim, que ando tão atrapalhado com os crimes em série desta Paulicéia Desvairada! Mas uma mão lava a outra. Não me esqueço da prisão do “Pé de Veludo”, quando você correu tanto risco. Vamos ao caso.*

*Partamos do pressuposto: o assassino é Tércio. Tinha motivo para matar e está desaparecido. Você afirma duas coisas com segurança absoluta: em primeiro lugar, que a busca efetuada na noite do crime foi perfeita, não se compreendendo, dadas as circunstâncias do local, que um homem pudesse escapar; em segundo lugar, o desaparecimento de Tércio é completo, isto é: não se encontrou o menor vestígio dele nem na Bahia nem no Rio de Janeiro, onde mora.*

*A audiência com o Governador fora cancelada. Escondendo esse fato da mulher, Tércio — é evidente — havia arquitetado um plano. Levando em conta suas pormenorizadas informações, vou aventurar uma hipótese:*

*Tércio chegou à lagoa antes da caravana, escolhendo um lugar propício — e só podia ser entre os arbustos, onde não há luzes — para vigiar a mulher e o amante. Suspeitava de que ambos, aproveitando a sua ausência, armassem uma situação favorável à sua vingança. Quando André se afastou do grupo preparando o encontro com Eunice, Tércio esperou-o. Matou-o pelas costas, de surpresa. Empurrou o corpo de André pela margem inclinada, rolando também, agarrado nele. Chegando à beira da*

*lagoa, desvendou-se, mergulhando imediatamente; com algumas braçadas debaixo d'água aproximar-se-ia do grupo dos nadadores, com eles confundindo-se para criar o seu álibi. Imaginou que a confusão provocada pelo acontecimento dar-lhe-ia tempo para realizar seu plano.*

*Proença: o corpo de Tércio está no fundo da lagoa.*

*Perdoe-me a audácia da conclusão. Quando o material de trabalho é pobre, aumenta-se a cota da fantasia.*

*Continuo às suas ordens.*

*Um abraço do amigo velho*

*Leite*

“A lagoa é deserta: nem homens nem barcos. O Abaeté tem uma lenda, uma lenda de assombrações. Janaína habita suas margens e, à noite, sobe das águas escuras e mansas da lagoa um rumor de atabaques e de cantos nostálgicos. E todos têm medo de banhar-se nas águas misteriosas. Janaína se apaixona dos homens e os leva para o fundo do desconhecido. ” (1)

O velho Leite acertara: Tércio estava no fundo da lagoa, aprisionado pela vegetação emaranhada e viscosa dos jardins de Janaína.

(1) Cidade do Salvador, caminho do encantamento de Darwin Brandão & Motta e Silva. Comp. Editora Nacional, 1958 fls. 212.

# O Homem que Matava Quadros

## *A “coisa”*

Nem sempre, mas muitas vezes, postando-se Macedo Júnior diante da tela para iniciar o trabalho, ouvia zumbidos finos como se minúscula abelha lhe rondasse o pavilhão auditivo. Depois, informava o pintor, sentia o prenúncio de um desmaio, circunscrito ao cérebro, pois braços e pernas não assinalavam enfraquecimento algum. O tempo passava e, de repente, o corte súbito da razão. Voltava a si, com a sensação de que o cérebro, fragmentado, se recompunha num movimento ligeiro, como cena de filme girado ao contrário. A tela surgia inteiramente pintada.

Além da manifestação sonambúlica, surpreendia também a natureza da pintura revelada. Se os quadros do exercício habitual derivavam de um figurativismo expressionista, nos outros surgiam composições abstratas profundamente líricas, num jogo vigoroso de cores e formas, tudo resultando em inesperada e serena harmonia.

Convocados, asseveravam os críticos, quase unânimes: não só pela flagrante divergência das concepções, mas sobretudo pelo estilo e tratamento da matéria, as telas pareciam ser de autoria de outro pintor.

Na polêmica distinguiram-se os espíritas, justificando o fenômeno pela “ocupação” do corpo de Macedo Júnior por um outro espírito. Um crítico afirmou: a ser verdadeira a explicação, o espírito seria o de Franz Marc, pintor germânico, falecido no começo do século, cujo estilo se denunciava moderadamente naquelas manifestações, conformando a notória influência com que os mestres marcam seus discípulos e seguidores, mormente em artes

plásticas. Os materialistas e alguns artistas foram peremptórios: covardia e cabotinismo. Alegavam ser Macedo Júnior um dos mais encarniçados inimigos da arte abstrata, tendo mantido ardorosas controvérsias sobre a matéria. Ante o êxito do abstracionismo — que o afastou do grande mercado — concebera o pintor, maliciosamente, o estado letárgico como ponte de transição para a arte abstrata, deixando correr por baixo dela as torrentes de seu entusiasmo pelo figurativismo.

Cogitavam incrédulos e adversários de forçar o pintor a comprovar o fenômeno perante médicos e críticos, quando o homem que matava quadros roubou a cena de Macedo Júnior.

## A “Verônica”

Virou a esquina e parou. Realmente era difícil cativar na tela o movimento do néon como se surpreende o do bailado. Com esse pensamento, Macedo Júnior contemporizava a hesitação entre ir ou não ir ao “Clube dos Artistas Plásticos”, cujo letreiro anotava de verde o fim do quarteirão, Há muito lá não ia, para evitar discussões sobre o seu caso. Mas agora, com o advento do cortador de telas, assunto predominante nos meios artísticos, não haveria inconveniente de correr o risco. Descendo as escadas da *cave*, estimou pelo vozerio desordenado o ardor das conversas. Achevou-se à primeira mesa, mas ao ver Carlos Eduardo arrependeu-se:

- Boa noite pra todos.
- Olá, Macedo! Você conhece Jurema? A gravadora do Rio? Aqui é o nosso Salvador Dali.

Voz cínica:



— Salvador Dali, não. O Dr. Jeckill e o Mr. Hyde da pintura nacional.

— Jurema, minha boa Jurema: não dê confiança a essa gente. Principalmente a esse Carlos Eduardo. Você devia fazer uma gravura na língua dele.

Jaboatão enxugou a cerveja do bigode.

— Ouvi falar qualquer coisa sobre a venda de seus quadros. Que é que há, Macedo?

— Muito simples. Sou dois pintores distintos numa só pessoa verdadeira. Quem se interessar pela minha pintura tem que comprar dois quadros: o natural e o outro.

— Você é uma fortaleza, hem? Enquanto todo mundo luta para vender um quadro, você impõe dois.

— E o pior, Carlos Eduardo, é que eu vendo mesmo. Olhem, vou-me embora. Vocês estão muito chatos. Com exceção da Jurema, é claro. Além disso, não estou mais na berlinda. Agora é a vez do cortador de telas. Por falar nisso, vocês têm alguma notícia?

— Como dizia meu avô: tudo como dantes no quartel de Abrantes.

Vinda do piano, a meiguice de um *blue* enveredou pela fenda da conversa. Mas foi efêmero o perpassar, logo interrompido pelo rumor vindo do vestíbulo. Sob o arco da entrada do salão, a imensa figura de Zibog, com a cabeleira rala e fina, armada como se fosse de arames delicados, os olhos arregalados. O queixo alevantado e duro respondia a uma afronta. As pernas, abertas, sustinham firmes o corpanzil. fazendo pensar que juntas seriam impotentes para mantê-lo de pé. Os braços, estendidos para cima, as mãos segurando um quadro que ele, qual abundante Verônica, exibia de um lado para outro. A tela rasgada em tiras.

A platéia só capaz de interjeições, parecia assistir ao final do número de honra de um trapezista. Depois, a vozeria dos comentários, o arrastar de cadeiras, a formação dos grupos — o maior em tomo do espetacular

arauto de mais um crime contra a arte. Em meio à excitação, ao aturdimiento, alguém gritou: “É demais! Vamos à polícia!” E não se sabe como, depois de alguns segundos, um pelotão de jovens artistas subia com estrépito as escadas do clube, capitaneados por Zibog, que levava junto ao peito o corpo de delito.

O silêncio, sobra do patético, foi ocupado pelo *blue*, com algumas notas de altivez.

## O punhal

No corpo frio da tela, o grande artista incute um sopro de vida que não morre jamais. Pois o ensandecido punhal rasgava esse corpo em tiras, extinguindo-lhe a alma colorida.

O primeiro caso fora o de Silviano. Voltando o artista de um fim de semana na praia, encontrara no *atelier* vários quadros dilacerados, inclusive o denominado “Composição Lenta”, com que pretendia concorrer ao prêmio “Brasil-Israel”. Rasgos, furos, cortes, produzidos a esmo, denunciavam gestos furiosos, impelidos por sentimentos repassados de ira, de paixão, de ódio. Perfilhou-se a selvageria à vingança de alguém envolvido nas questões pessoais de Silviano, dado a rompantes e querelas. No entanto, alguns dias depois o empregado da Galeria “Montmartre”, ao abrir a sala de exposição de Narducci, premiado no último Salão Nacional de Arte Moderna, pasma-se diante de um quadro igualmente atassalhado. Em seguida chegou a vez do belga Hans Rotter. Violado o *atelier* provisório, a fúria do criminoso recaiu sobre um quadro grande, da coleção particular do artista, reduzido a

tiras multicores que, tangidas pelo vento vindo da janela aberta, sugeriam estertores de um corpo agonizante.

Apesar de pertencerem à escola abstrata as telas visadas, congregaram-se os artistas plásticos na caça do inimigo da arte, deixando provisoriamente de lado a intriga dos “ismos”. Mas o homem ou mulher que merecia os epítetos de vândalo bárbaro, selvagem, maníaco, e a alcunha de “Átila das Artes” que lhe atribuíram os jornais, não era inimigo vulgar, tais a precisão e a eficiência com que agia. Por outro lado, a polícia não conseguira levantar a menor pista, invocando os seus representantes, em defesa, a excepcionalidade do delito.

## *O grande suspeito*

Atrás da biblioteca, o arvoredado do antigo jardim do arcebispo era admirado pelos freqüentadores do “Safari Bar”, situado ao fundo da praça, com cadeiras de vime na calçada. Nos caminhos sombreados, outrora percorridos pelo clérigo, em cadência recatada, durante a leitura do breviário, passava agora gente de todo naipe, em ritmo acelerado, mormente nas horas do começo e do fim do trabalho. Quem por ali transita no momento do “Angelus”, ouve os pardais anunciarem a hora do aperitivo.

Se Carlos Eduardo, atrás de um campari, interessava-se pela paisagem humana, seus dois companheiros a desdenhavam, pois davam-lhe as costas flagrantemente.

— Carlos, pense bem. Nossa posição é dentro do figurativismo. Os quadros cortados são abstracionistas. O serviço é bem feito mesmo, não é? Ora, o que dizem por aí é que só o Partido tem organização para fazer isso. E faz isso para desmoralizar a arte abstracionista.

— E mais, Carlos. Ouvi gente que não gosta da arte abstrata dizer que nos deviam deixar à solta para exterminarmos com a raça dessa pintura.

— Então? Vamos deitar manifesto?

— Deixe de piada, Carlos. Estamos falando sério. Quem sabe uma entrevista do Jorge pudesse acabar com a história? Você fique certo: o Partido é o grande suspeito.

Um gole de campari.

— Pois eu sou contra. Nós sabemos, e sabemos mesmo, que o Partido não tem nada com isso. É ou não é verdade? Então não temos o que explicar.

— E se de fato for um dos nossos?

— O trabalho por conta própria é incontrolável. Quando o caso for resolvido, se houver interesse, faremos alguma coisa.

Mais um gole de campari, acompanhado de dois goles de martini seco.

Os três pousaram os copos na mesa e um dos rapazes virou-se para trás, interessando-se pelas árvores e transeuntes da praça. Conheciam bem o jeito de Carlos Eduardo: o assunto estava terminado. O ressurgimento penoso da conversa lembrou o esforço da gaivota ao alçar vôo depois do mergulho. Mas, logo em seguida continuaram os goles a serviço da velha camaradagem.

Carlos Eduardo pagou sua conta, despediu-se. Os rapazes mudaram-se para o outro lado da mesa; assistiam ao cair da noite sobre as árvores e sobre o encontro dos namorados.

Ao atingir a Rua Barão, Carlos Eduardo verificou que não conseguira arquivar a conversa a respeito do homem que matava quadros. Passando pela casa de tapetes persas, deteve-se e ficou a examiná-los. Num *chiraz*, em torno dos clássicos losangos, um amontoado de figuras indefinidas, gratuitas, diferentes, assimétricas, com colorido tão multifário que mais sugeria espontaneidade dos tecelões do que obediência a modelo.

O pensamento de Carlos Eduardo fê-lo caminhar depressa: “Qual! Só gosto mesmo de abstracionismo em tapete persa!”

## *o Mecenas*

Ante a porta apenas encostada, o primeiro ímpeto foi entrar. Depois recuou e premiu a campainha.

— Entre.

Camparezzi empurrou a porta, entrou, encostou-a de novo. Hesitação no pequeno vestíbulo.

— À direita. Aqui na sala.

Obedeceu.

— Mas que surpresa agradável! Acho que você nunca esteve no meu apartamento.

— Só um delegado pode deixar a porta aberta nesta cidade!

Depois do abraço, o velho Leite retomou seu lugar na rede, que desenhava um triângulo com as paredes no fundo da seda. O visitante acomodou-se numa poltrona.

— Muita gente se espanta ao ver esta rede num sétimo andar, no coração da cidade. Um trabalhão, você não calcula. Foi preciso meter uma cunha de cimento na parede. Gosto de rede. É um velho hábito, adquirido por este interior afora.

— Que fazia? Não quero incomodá-lo.

— Estava apenas lendo. Sabe o quê? Poesia. Vinicius de Moraes. Para mim, é o poeta que mais se parece com sua

obra. Ao ler os versos dele vem-me a idéia de que estão impressos sobre seu retrato. É um homem danado.

Camparezzi preparava-se para falar, recobrando de seriedade o rosto e a atitude, quando o delegado o surpreendeu:

— Olhe, Camparezzi. No tempo de Sherlock Holmes eu receberia você da seguinte forma: Sente-se, meu caro. Se me permite, direi por que veio à minha procura. Na qualidade de Presidente do Instituto de Arte Moderna, você não pode ficar alheio ao caso dos quadros cortados. Principalmente porque começa a criar-se um clima de instabilidade entre os artistas, bastante nocivo. Veio dizer que a polícia até agora não tem uma pista sequer. Que eu sou a única pessoa capaz de resolver o mistério, não só pelo que já fiz no caso do Teatro Brasília, mas também porque me interesso por arte, conheço o meio dos artistas. E eu lhe diria, como digo: não posso aceitar o caso. Estou em férias. E conseguidas a duras penas.

— Como em férias, se você continua em São Paulo?

— Aí é que está, meu caro. Passo a maior parte delas na cidade. Você lá sabe o prazer que a gente tem ao atender o telefone e, ao invés da voz do escrivão, ouvir a mulher esperada? Então, andar a pé pela cidade, vendo as coisas, não é melhor do que estar dentro de um automóvel, em velocidade e com a sirena a tocar, conduzido sempre para um cadáver? Toda manhã abrir os jornais e ler as verrinas da imprensa! Não é melhor ler versos? Ouça. A sirena! Lá vai o meu colega para o encontro cadavérico. E eu aqui, na minha rede, com Vinícius de Moraes... Assim vivo, nas férias, a minha cidade.

— Qual férias, qual nada! Isso é preguiça, comodismo, chega às raias da burrice. Você parece um garçom que no dia de folga vai comer em outro restaurante.

— Seja lá o que for. Disso é que eu gosto. Puxa! Falei demais e não lhe ofereci nada. Quer um uisquinho?

Em face do assentimento, levantou-se da rede com certo esforço e dirigiu-se à copa, dizendo:

— Já sei. O seu é só com gelo.

Sobre a estante, figurinhas de barro do Vitalino. Alguns quadros, todos mortos. Um bom Graciano, da fase ferroviária. Cadeiras desemparelhadas. Um sofá com furo de cigarro. Pilha de jornais e revistas. Um coldre pendurado na parede, sem revólver, cheio de pó. Cortina capenga. Sobre a mesa, um vaso e cravos frescos delatavam presença de mulher.

Camparezzi apanhou o copo e indicando uma caixa entreaberta:

— Que é isso?

— A caixa das esquecidas. Mulher esquece demais. E brinco, é lenço, é luva. Ponho tudo aí. Um dia ela volta e pega o que é seu.

— Fabuloso! Mas, ó Casanova, quando é que terminam as suas férias?

O velho Leite depositou o copo de uísque no chão, sobre o tapete descolorido, impulsionou a rede com o pé direito e, ritmado o balanço, respondeu:

— Estive a pensar, enquanto servia a bebida. Você é o mecenas mais simpático do mundo. Tem feito pelas artes neste país o que ninguém fez. Por isso — e só por isso — suspendo as férias e vou procurar esse cortador de telas.

— Bravos, Leite. Fique certo de que os artistas, o Instituto...

— Não diga nada agora. Vamos primeiro ver o que acontece. Conte-me o que você sabe sobre o caso.

Estacou a rede com o pé direito, abaixou o braço, recolheu o copo de uísque, ingeriu o gole de costume. A rede voltou ao balanço.

## *A coincidência*

Dois dias depois do encontro com o presidente do Instituto, o velho Leite tomou um táxi defronte ao prédio onde mora e desceu em Higienópolis, na Rua Marajó. Conferido o número, entrou no edifício de apartamentos, dirigindo-se com presteza ao fundo do saguão. No centro da porta, que logo se abriu, uma pequena placa: Leão da Cruz.

— Entre, Dr. Leite. Muito prazer em conhecê-lo.

— Obrigado. Somos dessas pessoas que se conhecem de nome, com vários amigos comuns e que jamais se encontraram.

Ao chegarem à sala:

— De quem são esses quadros?

— São meus, Dr. Leite.

— Eu não sabia que também pintava.

— Tenho tempo bastante, Vivo sô. Minha mãe dizia que eu era casado com a arte. Além disso defendo a teoria, Dr. Leite, de que o crítico de artes plásticas deve praticar uma das artes, a de sua preferência, a fim de assenhorear-se das dificuldades, dos segredos, dos maneirismos dos artistas. Poderá assim julgar melhor a parte artesanal do trabalho alheio.

Passaram ao *atelier*, coberto também de quadros da linha abstrata, todos de autoria de Leão. Composições de um certo mau gosto, em cores demasiado vivas, sem harmonia, sem expressão. Leão da Cruz esperava a opinião do delegado. Lembrando-se de que fora até ali para solicitar a ajuda do crítico no plano de perseguição ao criminoso, o velho Leite ataviou uma frase para dizer — sem comprometer-se muito — da surpresa e da admiração que lhe causava a sua pintura. Logo depois endireitou a conversa:



— Vou fazer-lhe uma revelação que será de seu agrado. Sem dúvida, será. Promovendo as primeiras investigações do caso do “matador” de quadros, como dizem por aí, observei que a destruição dos quadros de Silviano e de Narducci — as duas primeiras vítimas — foi precedida de críticas favoráveis feitas pelo senhor à arte desses pintores. A princípio não dei valor à observação, mas, continuando a pesquisa, apurei que os artistas posteriormente vitimados haviam sido da mesma maneira elogiados em sua coluna, na véspera do dia em que se encontraram as telas despedaçadas. Poderia ser uma coincidência. Quase aceitei essa conclusão, evidentemente preguiçosa, pois que o fato reiterado devia aguçar o raciocínio em busca de outra hipótese. A inércia intelectual vinha da aparente falta de relação de causa e efeito entre o crime e suas críticas. Pensando mais, concluí que os seus artigos não seriam a causa do crime, mas poderiam constituir a causa da escolha da vítima. E a razão é lógica. Objetivando ofender profundamente a arte abstrata, o criminoso atinge em cheio a sua meta: rasga em tiras a obra do artista elogiado pelo maior crítico de arte moderna, no campo das artes plásticas. Observe bem a sutileza que vai nisso. E o que resulta desse pressuposto?

— Que o nosso homem é fino.

— Exatamente. É claro que ele nunca pensou na possibilidade de alguém estabelecer essa relação e dela levantar uma pista. Ainda que paupérrima. Partimos, assim, do pressuposto de que seus artigos servem para o homem determinar a vítima. E aí entra o senhor em cena.

— Quer dizer: deverei escrever um artigo elogiando certo pintor — que possibilite essa minha opinião, é claro — para o senhor verificar se a sua teoria está certa...

— Mais do que isso. Se ela proceder, poderemos até apanhar o sujeito em flagrante, Será questão de policiar bem o lugar onde se achem os quadros.

— Aceito, Dr. Leite. Só que não posso escolher neste momento o artista. Tenho que ver o assunto com vagar. É isso porque devemos considerar o local, para o efeito da eventual captura, como o senhor disse.

— Muito bem. O senhor foi além da minha expectativa. Agradeço desde já a sua colaboração. Telefone-me assim que tenha feito a escolha.

O velho Leite, em passo vagaroso, observou mais uma vez os quadros, deteve-se diante de um deles, esticou o pescoço, aproximando os olhos da tela para sentir a matéria com intimidade, como fazem os entendidos. Embora a *fades* denunciasse aprovação, pensou: “Como é possível um homem entender tanto de pintura e pintar tão mal?”

## *O acadêmico*

Porfírio Maranhão era o último abencerrage do grupo dos grandes acadêmicos paulistas que, no começo do século, estudavam em Paris e não se aperceberam da revolução artística que modificou o regime das formas, das cores, da composição. Ao contrário: enquanto as palhetas se iluminavam e os pincéis se nevrosavam, persistiam eles em obscurecê-las e em mantê-los submissos. Depois do retomo, a consagração pátria, mediante encomendas de quadros históricos e retratos de corpo inteiro para figurar nos ministérios e nas secretarias de Estado. Em seguida, o reencontro com a paisagem caseira: o rio-espelho cortando um trecho de mata, onde gritava um ipê, um bico-de-papagaio ou uma tambaúba cor de prata.

Maranhão obedeceu ao *curriculum*; permaneceu fiel à figura e jamais se conformou com a entronização do abstrato.

Foi em frente à casa do pintor que o táxi deixou o velho Leite. Recebido por uma preta idosa, o delegado foi conduzido ao *atelier*, onde Maranhão ensinava desenho à neta predileta, a quem chamou de secretária.

Hã tempos não se viam, e os primeiros minutos foram gastos no comentário às iniquidades do grande centro, que separam simpatias e afinidades.

— Maranhão amigo. Aqui venho para dar-lhe trabalho.

— Alguma encomenda?

— Quem sou eu? Aliás, você não precisa delas. Vim pedir um palpite. Você viu São Paulo crescer, inclusive artisticamente, conhece todo o mundo. E, sobretudo, tem um grande prestígio.

— Não com os críticos...

— É sobre o caso desse maníaco que anda cortando quadros por aí. Gostaria de saber o que você pensa.

— Você sabe de uma coisa? É de preocupar mesmo. A gente conhece casos isolados de destruição de telas, porém sempre como efeito de um impulso. Agora surge esse monstro a cortá-las organizadamente. Ainda que seja um maníaco, como diz você, há qualquer coisa dentro da mania dele, qualquer coisa parecida com política de arte. Veja bem: nós acadêmicos, temos posição de combate, porque achamos o abstracionismo uma droga. Não é pintura. Não existe. É difícil imaginar, portanto, um interessado na pintura acadêmica como autor dessa chanchada. E a razão é clara: não se destrói o que não existe. Juro a você que não é *parti pris*, mas para mim foram os próprios abstracionistas que armaram essa tratantada. Olhe, não é por mal; às vezes fico a pensar que isso é coisa combinada. Propaganda, meu velho! Cada um entra com um quadro,

que eles mesmos cortam. Todo mundo quer cartaz, como diz minha neta.

— Vovô *tem* toda razão.

O ímpeto das palavras, intrometidas de repente na linguagem modulada do pintor, lembrava a investida de um pistão contra violino indefeso. O velho Leite virou o rosto: Esteia, no tamborete, retesada, o olhar desabrido. Estava pelos vinte anos. Seu corpo desajeitado não revelava a prática de esportes. Cabelos e vestido partilhavam certo desalinho.

— Sim senhor, Dr. Leite. A gente pode até pensar em mistificação. Mas se por acaso for verdade, o tal sujeito não devia cortar um quadro só de cada artista. Devia continuar o que fez com Silviano. Liquidar o mais possível dessa arte doentia e maluca.

— Que neta, seu Maranhão! Como é seu nome? Pois, Esteia, fique sabendo que eu pensei que você gostasse do abstracionismo, como deve gostar do *rock*.

— Pois o senhor se enganou. Detesto os dois. Fui educada pelo meu avô. Acho a arte abstrata o fim. Quanto ao *rock*, tenho outras preocupações mais elevadas.

Esteia abriu uma revista:

— Compare, Dr. Leite, este amontoado de formas feitas acidentalmente, sem sensibilidade, com esta paisagem de vovô. Veja a mestria do desenho, o trabalho das minúcias, o tratamento das cores. Mathieu leva duas horas para fazer um quadro, sem decoro, na frente do público. É ridículo. É ofensivo.

Ante o inesperado partidarismo de Maranhão, coadjuvado pelo arrebatamento de Esteia, o delegado verificou a inutilidade, para o caso, da experiência e do saber do velho artista. Levantou-se da poltrona:

— Nessa luta, você é quem menos pode reclamar. Tem seu público permanente, vende muito.

— De fato, vendo bem e sempre. Mas, “Seu” Leite, há dez anos que um grande crítico não escreve o meu nome.

Só cuidam da arte abstrata, como se o bom academismo não fosse arte. São estilos, Leite, e todos respeitáveis. Mas, qual! Às vezes, dá vontade de quebrar os pincéis.

Chegaram à porta e, ao despedir-se de Esteia, o velho Leite, com desconfiado olhar, pensou: “Quem sabe: se o nariz não fosse tão pronunciado, a pele tão manchada, os ombros tão caídos, não teria ela permutado o *atelier* sombrio por uma piscina cheia de sol?”

## *A mensagem*

O paletó foi pendurado no encosto da cadeira, a gravata ficou no trinco da porta, os sapatos trocados por chinelos. Logo depois, o nhé-nhé-nhé dos ganchos da rede, pedindo cera. O corpo estendido, os braços cruzados debaixo da cabeça, olhos perdidos nas imagens do dia, raciocínios balanceando as informações e os dados obtidos. Bem defronte, o seu retrato, riscado pela palavra “bandido”, escrita com batom. Serviço dos ciúmes de Marília. Há tanto tempo já, e o quadro ainda ali, daquele jeito. Documento da vaidade do homem. Assim como a caixa das esquecidas. Sorriu, e continuou na rede.

Levantou-se com a campainha.

— Alô! Em pessoa. Boa noite. Como vai o senhor? Então, escolheu a prova?

— Já, Dr. Leite. Amanhã a Galeria “Terra de Siena” inaugura uma exposição de Rosário Antunes, um argentino que vive no Rio há alguns anos. Estive lá. É muito bom. O artigo sobre ele sairá depois de amanhã.

— Esplêndido, Leão da Cruz. Muito obrigado.

— Continuo às ordens. Dr. Leite. E sucesso para o senhor. Boa noite.

— Boa noite. Mais uma vez, obrigado.

Não chegou à sala. Outro tilintar. Agora na porta que, aberta, mostrou a figura do zelador. O velho Leite apanhou a carta, mas ao ver o envelope indagou:

— Quem entregou esta carta?

— Quando vim do café, encontrei a carta sobre o balcão.

— Está bem.

Abrir o envelope, ler a pequena mensagem e correr ao telefone não durou meio minuto. Procurou o número e fez a ligação:

— Por obséquio: D. Esteia está?

— Não está, não. Quem quer falar com ela?

— Obrigado. Telefone depois.

Não só o nome do delegado no envelope como o texto da mensagem estavam escritos com letras recortadas de jornal:

*“Dr. Leite: Os maiores inimigos dos abstratos não são os acadêmicos. São os concretistas. Quem avisa, amigo é.”*

## *As feras*

No dia seguinte os jornais publicaram o resultado da distribuição do prêmio “Brasil-Israel”, criado pelo industrial Estevam Tadman para distinguir artistas plásticos que expunham durante o ano na Galeria da “Folha Paulista”. O júri conferira os dois prêmios a artistas

representantes do concretismo, demonstrando a nítida influência dos críticos cariocas que dele participavam.

No “Safari Bar”, à hora do aperitivo, as “feras” mastigavam a tibiez do crítico paulista, o facciosismo dos cariocas, arranhando-se mutuamente, quando os “ismos” polarizavam a conversa.

Sentado a uma mesa no centro da calçada, o velho Leite, saboreando seu uísque, parecia entretido na tarefa da noite de recobrir as árvores com manchas escuras. Os ouvidos, porém, recolhiam quanto se dizia em derredor. Ante a chegada de Leão da Cruz, fez-lhe um sinal discreto: tudo em ordem! Pretextando uma denúncia, acertara o plano com o proprietário da Galeria “Terra de Siena”. Dois homens policiariam a galeria, do dia seguinte em diante, postando-se no fundo da sala, atrás de um biombo que a separava do pequeno escritório.

Carlos Eduardo jamais suporia ser, naquele momento, alvo da vigilância do delegado. Conversava animadamente, sem, contudo, interromper os rabiscos ou escritos que fazia na página do jornal aberto à sua frente. Assim que seus vizinhos se retiraram, o velho Leite estendeu o braço e apanhou o jornal. Com lápis azul e riscos bem acentuados, Carlos Eduardo desfigurara todos os retratos publicados, transformando-os em entes estranhos e exóticos, mediante amputações, deformações, acréscimos de anomalias. O delegado imaginou rasgar a página e guardá-la, mas decidiu reter todo o jornal, dobrando-o para ocultar os desenhos.

De repente, o velho Leite em sobressalto levantou-se, passou pelas mesas, aventurando um ou outro “com licença” e, na calçada livre, apertou a caminhada, prestes a transformar-se em corrida. Antes de chegar à esquina, atingira seu objetivo:

- Marília, meu amor!
- Como vai, seu malandro?

- Com saudades suas. Onde andou? Não se brinca de mistério com delegado.
- Você é uma peste. Onde é que vamos jantar?
- No Clube dos Artistas.

## *A restauração*

Na manhã seguinte, ainda de pijama, o velho Leite avistou na sala o seu retrato inteiramente recomposto. Desaparecera o vocábulo em vermelho. Abaixo do quadro, na estante, o bilhete: “Tudo restaurado, inclusive o nosso amor. Marília.”

Bom começo para o dia da prova de sua hipótese. Abriu o jornal: lá estava o artigo de Leão da Cruz sobre Rosário Antunes. De dez horas em diante, quando se franqueava ao público a exposição na Galeria “Terra de Siena”, começaria a sua luta com o homem que matava quadros.

No fim da tarde, telefonou para os auxiliares.

- Tudo normal, doutor.

As sete horas, chegaram Marília, seus cabelos doirados e o seu sorriso.

- Aonde vamos hoje, meu restaurado?

— Ficamos em casa. Estou à espera de notícia muito importante. Você ainda se lembra daquela *omelette* à espanhola?

Marília foi para a cozinha, deixando o velho Leite com o nhé-nhé da rede.



## *Deodato*

Nessa noite Estevam Tadman recebia o mundo artístico de São Paulo na sua ampla residência do Jardim América, para a entrega do prêmio “Brasil-Israel”. Misturavam-se, nos salões, artistas de todos os matizes, críticos e amigos da arte, numa reunião simpática e informal.

Deodato, do “Safari Bar”, fazia parte do grupo de garçons em serviço na recepção. Colocou a bandeja de uísque na palma da mão, seguiu para a sala principal, relanceou o olhar e marchou em direção de Leão da Cruz, que conversava com Jarbas Antônio, crítico do Rio; chegou a tempo de ouvir a pergunta:

— Quem é aquele rapaz de azul-marinho? Eu o conheço, não sei de onde.

— É o Macedo Júnior. O que pinta em estado letárgico. Você conhece o caso, decerto.

— Claro. Li os debates no Rio. Penso que o moço é perigoso de qualquer jeito. Admitamos, para argumentar, que ele seja, realmente, dirigido por um espírito ou coisa que o valha. Nesse caso, se o agente lhe impuser desatinos, ele os cometerá. Se, por outro lado, tudo for impostura, o moço seria mais que cabotino. Um mistificador. Um desonesto.

— Não me ocorreu esse aspecto do...

Deodato recolheu um copo da jardineira e cuidou de servir outro grupo:

— Hoje é boca livre, “Seu” Carlos Eduardo.

— Completa. Inclusive na gorjeta, Deodato... Como eu ia dizendo, quando escolheram o júri, eu vi tudo. Até os abstracionistas estavam perdidos.

— Jarbas Antônio é o Christian Dior da crítica. Está lançando a moda do concretismo. Mas essa é como vestido

de mulher. Não dura três meses. Ih! Aí vem o Bernardes com as suas piadas de mau gosto.

— Então? Qual de vocês carrega o punhal para cortar os quadros?

— Deixa de ser besta, Bernardes.

Depois de servir uma senhora ao lado de Carlos Eduardo e seus amigos, Deodato caminhava para outro grupo quando ouviu Estevam Tadman convidar o pintor Maranhão e sua neta para irem ao jardim, onde se faria a entrega dos prêmios. Deveria Deodato, nessa ocasião, suspender o serviço, retomando-o após a solenidade. Reuniram-se os garçons na saleta de almoço e lá ficaram a prosear, interrompidos somente pelas palmas vindas do jardim.

Uma pausa maior indicava o fim das homenagens, quando imprevistamente a preencheu um surdo estrépito de passos sobre os lajedos do jardim. Deodato, célere, chegou à porta da sala principal e viu que os convidados se encaminhavam às pressas para a biblioteca. Dentro de poucos segundos lá estava também. O ruído da confusa caminhada convertia-se em silêncio. Estupefação geral.

Na única parede sem estantes, a moldura de ouro velho enquadrava fitas de cor. Ao tempo em que viviam unidas constituíam uma tela de Rosário Antunes.

— Isso é o cúmulo!

A frase proferida por Tadman dissipou o espanto e liberou as interjeições, os comentários, transformados logo em alarido.

Deodato, ainda célere, chegou ao vestíbulo, suspendeu o fone, discou o número:

— Dr. Leite? Encontraram um quadro todo cortado na biblioteca do “Seu” Tadman.

— É de um tal Rosário.

— Não ouvi nada que prestasse entre os convidados. Vou imediatamente. Até logo.

Atravessou com dificuldade a biblioteca e acercou-se de Tadman para dizer-lhe discretamente que afastasse as

pessoas da proximidade do quadro, pois poderiam destruir qualquer rastro do “assassino” de telas, porventura existente. Perguntou se convinha chamar a policia. Tadman respondeu que ele próprio a chamaria: mais tarde. E em tom alto:

— Agora vamos tomar um bom uísque. A solução do caso é simples: comprar outro quadro do Rosário.

Regozijou-se o pintor ali presente com o projeto do anfitrião:

— Esplêndido! E como os jornais falarão de mim, compensarei a propaganda com um outro quadro que terei o prazer de oferecer-lhe.

Depois da saída dos que se achavam na biblioteca, Tadman fechou-a e dirigiu-se ao salão, onde os convidados procuravam retomar a espontaneidade e o aprazimento. Mas o empenho desvanecia-se. A reunião perdia o brilho acentuadamente, num eclipse inelutável, estranho.

— O pessoal está ficando quieto. Que será?

Macedo Júnior respondeu:

— Não é pra menos. O homem está entre nós, dentro desta casa. E ninguém pode fazer nada.

## *O clarete*

Encheu dois copos:

— Beba à minha saúde.

— Pronto. Está bebida. E agora diga: por quê?

— Porque o meu raciocínio estava certo, Marília. É uma questão de estratégia. Como no jogo de xadrez, por exemplo. Você sacrifica uma peça importante, desde que prepare o mate em poucos lances. E eu perei a mão nesse homem num só lance.

Tocou o telefone. Atendeu. Desligou.

— É o Galeno. Não encontrou o menor vestígio na biblioteca de Tadman. O sujeito “liquidou” o quadro com o cortador de papéis do próprio dono da casa.

— E qual é o raciocínio?

— É segredo profissional. Não o posso revelar nem à loira mais bonita da cidade.

O velho Leite acercou-se da mesa e avermelhou os copos.

— Como é, Marília, formou-se em letargia ou coisa que o valha?

— Li alguma coisa na biblioteca. Tomei umas notas. O assunto é enorme. Na parte do hipnotismo, que interessa muito, a literatura é farta. A começar com a história de um pioneiro, o padre Gassner, depois Mesmer, Esdaille e muitos outros.

— Não, Marília. História, não. *“La morale, la morale”!*

— Está bem. Ou o rapaz é sonâmbulo, ou está hipnotizado.

— Ou então é um malandro inteligente e audacioso.

— Essa parte é com você. No primeiro caso, durante o sono, o paciente adquire facilidade de movimentar-se e tende para a prática dos atos habituais. Daí a pintura. No segundo, o estado letárgico é provocado pela força hipnótica de alguém; obedece as ordens, exaltando-se, às vezes, as faculdades do paciente. Entra a pintura de novo.

— Exemplos que interessam ao nosso caso. Alguns?

— Vários. Há pessoas em transe que desenham em quadro-negro. Há pesquisas em tomo da instigação do crime. O hipnotizador entrega ao paciente um copo d’água, explicando que se trata de ácido corrosivo. Ordena, então, que lhe atire o líquido no rosto. É imediatamente obedecido. O mesmo se dá com facas e punhais de borracha. Embora digam alguns autores que se a situação fosse real, com armas verdadeiras, o paciente só

obedeceria se tivesse tendências latentes para o crime. Mas isso é muito complicado, você não acha?

— Acho. O que me preocupa é o constrangimento em que se achava o rapaz ante a ameaça da prova. O anseio de sair da pauta...

## *O cerco*

Estacou a rede com o pé direito:

— Olá, Leão da Cruz! Vamos tratar-nos por “você”?

— Com prazer.

— Em primeiro lugar quero agradecer a gentileza de ter vindo até aqui. Em segundo, saber a sua opinião sobre o que aconteceu na casa de Tadman.

— Não se pegou o homem, mas uma coisa ficou certa: a relação entre a vítima e o meu artigo, de acordo com o seu prognóstico. O seu plano, agora, é repetir a manobra, não é?

— Exatamente. Mas você não poderia escolher um artista que tivesse um ou dois quadros em São Paulo? O Instituto de Arte Moderna expõe de novo o seu acervo. Seria útil circunscrever o mais possível o campo de ação, para que o homem não nos escape outra vez. E depressa, enquanto a coisa está quente.

— Posso, é claro. Mas, se o plano falhar, lá se vai um quadro raro. Conheço bem a coleção do Instituto. Quem sabe agora mesmo possamos fazer a escolha. Você tem o catálogo?

— Tenho. Está ali naquela estante.

Procurou o catálogo, consultou-o e recolocando-o no lugar:

— Kandinsky. O Instituto tem um belo Kandinsky. Há no momento uma exposição de seus quadros inéditos em Paris. Bom motivo para um artigo. E eu adoro Kandinsky.

— Perfeito. E para quando você me dá isso pronto?

— Vamos ver. Para depois de amanhã. Ou melhor: entrego amanhã para sair no dia seguinte. Está bem? Mas olhe: o quadro vale quatro milhões de cruzeiros. E eu sou diretor do Instituto.

— Assumo a responsabilidade. E agora um uísque. Com soda ou com água?

— Obrigado. Nem com soda, nem com água. Já vou indo; tenho um compromisso às seis horas.

O velho Leite agradeceu, mais uma vez, a colaboração do crítico.

— Marília, meu amor. Bastante gelei e pouca soda.

## *A revelação*

Os jornais do dia seguinte continuavam a comentar a audácia do maníaco, a perda de Tadman e a inércia da polícia. Lá dizia o repórter: “Os artistas e os colecionadores vão de mal a pior. Se os detetives indígenas não descobrem os criminosos que exterminam vidas humanas, que assaltam casas, como é que vão descobrir quem atassalha telas de pintura moderna?”

O velho Leite largou os jornais e telefonou para Camparezzi que, adiantando-se, informou sobre a convocação que recebera para participar de uma reunião das diretorias de museus, institutos e galerias. O problema agravava-se cada vez mais.

— Dentro de quarenta e oito horas espero resolver o caso. Preciso que você me empreste as chaves do Instituto. A da porta de entrada e a da sala de exposição do acervo. Depois explicarei. Mande para a delegacia. E bico calado! Até logo.

O delegado desceu, apanhou um táxi e quinze minutos depois apreciava com naturalidade, entre os demais visitantes, o acervo do Instituto, à procura do lugar onde fora colocado o quadro de Kandinsky. Encontrado, examinou o derredor, a divisão dos painéis, e, com a mesma fleuma, abandonou a sala.

No táxi, de volta, os pensamentos — tantos e concomitantes — aturdiavam-lhe o cérebro como um bando de pássaros a disputar o mesmo galho. Ordenou-os e, dentro de pouco tempo, pareciam números de uma equação demonstrada.

Desceu no Gabinete de Investigações. Já na delegacia, convocou o seu auxiliar Galeno e três investigadores, com quem conferenciou.

Às nove horas da noite, a caravana deixou o Gabinete num automóvel preto, sem marca da polícia. Dez minutos depois, o carro largava o velho Leite e Galeno nos jardins do Instituto. Cortaram caminho por entre as árvores, ladearam o edifício até atingir a porta da entrada. O delegado abriu-a e entrou com o seu auxiliar. Daí a pouco entraram, cada um por sua vez, os três investigadores, que se postaram ao lado do velho Leite, cujos pés eram assinalados pelo jacto de luz da lanterna elétrica. Iluminada e trancada a fechadura, o fecho de luz dançou uns momentos na parede até focalizar a entrada. Mesmo expediente para o grupo entrar no local da exposição. Fechada a porta, o luzeiro abriu caminho, e na escuridão espessa, quando ele incidia com rapidez sobre os painéis, os quadros pareciam gritos coloridos. De repente, o lilá de Kandinsky.

— É aqui. O quadro visado é este.

O velho Leite distribuiu os homens, de acordo com o plano estudado, e postou-se no lugar que escolhera.

— Agora toca a esperar. E paciência.

As trevas engoliram o fecho de luz e trouxeram silêncio.

Enquanto a escuridão se abrandava e os olhos passavam a perceber os contornos claros dos painéis, prosperava a quietude e com ela a exaltação estranha que enredava aqueles homens experientes e tão habituados às emoções do crime.

Um ruído impreciso, e o silêncio foi expulso de vez, porque logo depois ouviu-se a chave ser introduzida na fechadura, a porta abrir-se, dando entrada ao irrequieto fecho de luz. A lanterna abaixo do peito, para iluminar o chão e os painéis, ao mesmo tempo, liberava apenas o relevo da figura, que continuou a caminhar, acompanhada do rumor de seus passos. De repente, o lilá de Kandinsky. Parou. Transferiu a lanterna para a mão esquerda, enquanto enfiava a direita no casaco.

O salão encheu-se de luz. Com o susto, virou-se subitamente, deixando cair a lanterna. Na mão direita, o punhal e reluzir. O rosto arroxeceu-se num instante. O branco dos olhos aumentava. A expressão carregou-se de ódio. E o grito ressoou no salão:

— Cachorro!

Na sua frente, o velho Leite, de braços cruzados.

Avançou furiosamente para o delegado. Os investigadores caíram-lhe em cima, desarmando-o. Conseguiram algemar-lhe as mãos, atrás das costas, e, como desferisse pontapés violentos, amarraram-lhe as pernas com o cinto da capa de um investigador.

— Cachorros! Castrados são vocês! Bandidos! Ignorantes!

A sirena estridulou. Pneus rangeram no pedregulho da entrada.

— Uai! Quem os chamou?



— Como sei que o senhor não falha, mandei a ambulância e os carros esperarem a distância. O sinal era a luz do salão. Quem é o homem, Dr. Leite?

— Chama-se Leão da Cruz. É crítico de arte.

## *A intuição, o surrealismo, o soneto*

Uma hora depois, no apartamento da Rua São José, reuniram-se o delegado, Galeno, Camparezzi, presidente do Instituto, e Marília, sempre a sorrir por qualquer coisa.

— Vai ser um escândalo, Leite.

— Por isso é que mandei o homem para o hospital da polícia, onde deve ficar, aliás, porque a meu ver é um doente. Com essa solução, você terá um pouco de tempo para pensar em alguma providência. Mas é um pouco de tempo mesmo, porque os repórteres já-já estão em cima.

— É incompreensível. Um diretor do Instituto! Como é que você chegou à conclusão de que era ele?

— Metade competência, metade sorte. Não é à toa que eu sou um detetive razoável. Como todos os profissionais possuo essa espécie de instinto para adivinhar, que se chama intuição. Corresponde ao pressentimento do cientista no andamento da pesquisa; do médico, ao diagnosticar sem dispor de todos os elementos; do corretor, ao antever a oscilação das ações. Esse “sexto sentido”, aliado à experiência e ao conhecimento da matéria, constitui, verdadeiramente, um instrumento de trabalho. Mormente na luta contra o mistério, contra um estado que, a princípio, tem algo de irreal, embora a ele preceda a morte, o roubo ou o rapto. Daí a necessidade de

pensar com surrealismo, isto é, pensar como os pintores surrealistas se exprimem: agremiando valores heterogêneos, díspares, absurdos até. Porque tudo é útil contra o insondável, o enigma, as trevas. Assim estabeleci a relação entre os artigos de Leão da Cruz e a escolha da vítima, com base na coincidência ou na intencionalidade. Desse momento em diante a figura do crítico não se arredou mais do meu espírito. Houve também uma questão de... sobrevivência, pois era o único fio — e tênue — que eu conseguira puxar do emaranhado.

Marília, sorrindo:

— Estou um tanto prolixo, não é?

— Você está ótimo.

O velho Leite aproveitou a pausa para dar um gole no seu uísque e impulsionar a rede.

— Pois bem. Agora, o capítulo da sorte. Estava lendo uma antologia de crítica, quando deparei com um soneto de Emílio de Meneses contra os críticos. Há um verso maldoso e inverídico na sua conclusão: "...todo crítico, em geral, é uma espécie de eunuco". Não é exato: no ambiente atual, você tem, por exemplo, Sérgio Millet, Adonias Filho, Geraldo Ferraz e tantos outros, que são críticos e ficcionistas, ao mesmo tempo. E a recíproca também é verdadeira: ficcionistas transformados em críticos. O fato é que o verso me transportou imediatamente para a casa de Leão da Cruz. Valorizei, então, o ardor e a tenacidade desse homem em busca da criação. Quadros e mais quadros na ânsia de verter para a tela o seu conhecimento de pintura, a sua sensibilidade de crítico, Faltava-lhe, porém, o estro. De palavras estão cheios os livros e dicionários, mas quem as junta em poesia é o poeta. Depois, veio a ordem surrealista do raciocínio, e supus que o malogro do esforço gigantesco de Leão da Cruz poderia gerar um ódio igualmente grande contra os que possuem gênio inventivo. Especialmente contra os que eram alvo da sua admiração como crítico, isto é, contra um dos que ele

desejaria ser. Se a tudo isso se ligasse mente doentia, estranha, psicálgica, poder-se-ia admitir a suspeição de Leão da Cruz. E por ela concluí, quando apurei que vive só, em introspecções, não frequenta mulheres, tem poucos amigos. Não fui adiante porém. Era, apenas, um suspeito a mais. Quando procurei Leão da Cruz para com ele articular o plano, nasceu-lhe no espírito mais um demoníaco prazer: o do desafio, o do duelo comigo. Jogava com carta marcada, pois era quem escolhia o pintor e o local. Quando cortou o quadro de Rosário na casa de Tadman, fortaleceu-me a suspeita contra ele. Era o único dos suspeitos a saber que a Galeria “Terra de Siena” estava vigiada.

— E o plano final, o último ato?

— Aí você, Galeno, já podia saber também quem era o criminoso, antes de vê-lo, como aconteceu. Ciente do plano, dos meus entendimentos com Leão da Cruz e da diligência planejada para hoje, era fácil matar o problema.

— Por quê?

— Pois se o artigo de Leão da Cruz só sai amanhã, qual dos suspeitos poderia saber que o pintor escolhido era Kandinsky? Leão da Cruz, exclusivamente.

## A Escultora Cinzela a Morte

O melhor “Manhattan” em terras brasileiras bebe-se no Pine’s Bar, em Campos do Jordão. Quem o faz é o Júlio, um velho *barman*. Não dá margens a dúvidas: prepara-o como canadense. Se alguém o aprecia com outro uísque, não consegue reclamar, pois se encontra, pela primeira vez, com o verdadeiro “Manhattan”.

Chegou o cálice e, no fundo, o submarino vermelho: a cereja. A mesa na ponta extrema do terraço e, depois, as colinas mansas do Jardim do Embaixador, os pinheiros, os ranchos, as casinhas modernas. O sol incumbia-se de algumas diabruras de ouro. O vento frio, molhado na Lagoinha, levantou minha mão para o primeiro gole.

Na ociosa observação da paisagem, lobriguei, mais no alto entre as franças dos pinheiros, a graça de dois pilotis sustentando a cobertura avançada de uma casa: lembrei-me de Willie Nogueira, o arquiteto. Lera, no exterior, a notícia de sua morte, provocada por tiro acidental. Algumas revistas haviam dado relevo à sua obra, integrante do movimento que realçou a arquitetura moderna do Brasil.

Conheci-o numa das festas da Bienal de São Paulo. Conversava num pequeno grupo: “Se vocês imaginarem o cimento-armado como uma folha de papel que se pode dobrar, cortar, recortar, verificarão não haver tanta audácia em certos projetos...” E mais adiante: “O vidro é importante, não há dúvida. Mas aquece demais o ambiente. Nos lugares quentes, sacrifico a sua enorme contribuição decorativa em benefício do conforto. Arquitetura é como bom-bocado: não é para quem a faz”.

Guincho da porteira. Surgiu Maria Paula, de calças de flanela branca e de suéter branco. Tratava-se, nitidamente, de uma astúcia de elegância com o fito de exaltar a ruividão de seus cabelos. Salvo a ufanía da cabeleira (“Veja, não é tintura, não”) e o gosto excessivo da mundanice, nada mais se poderia reprovar na encantadora gaúcha. Desci as escadas para ganhar um abraço, mais forte em calor que o “Manhattan”.

— Então, pelas Europas! Já sei: andaste de vinho em vinho! E o curso, fizeste?

— Que curso, nada! Do meu lugar na classe, eu via duas coisas: do lado, o Sena deslizando; à minha frente, o professor a falar em leis econômicas. Ganhou o Sena, três a zero!

Sem me dar tempo, puxou a cadeira para nela depositar a bolsa. Quando quis acender-lhe o cigarro, já o tinha feito.

— Não te incomodes. Fumo demais. Fico constrangida com a preocupação dos homens de acender meus cigarros. Antes prestassem atenção a outras coisas... Vamos ver. Tu te lembras?

— Xerez?

— Bravo!

Logo o Júlio compareceu com o cálice alongado e a garrafa de “Tio Pepe”, extra-seco.

Saúdes mútuas, em homenagem a um encontro realmente fraterno.

— Estava aqui a pensar, Maria Paula querida, agorinha mesmo, no caso de Willie Nogueira. Como é que um homem acostumado ao manejo das armas vai morrer de um tiro acidental?

— Não foi acidente. Não sabes? Ah! Estiveste fora. Vou contar-te a história todinha. Se é que isso te interessa.

— MUITÍSSIMO. Conte logo.

À visão de um prato de leite não faria brilhar tanto os olhos de uma gata, como os de Maria Paula, na expectativa de narrar uma intriga de alta repercussão na vida social.

— Desde o começo, não é? Willie morava numa casa maravilhosa, perto da floresta da Tijuca. Ao lado construiu um pavilhão de armas e um campo de tiro ao alvo. Adorava esse esporte. Pois bem. Ah! Por sinal que o pavilhão é uma beleza. As paredes revestidas de casimira escocesa, verde e vermelha. Algumas armas antigas e gravuras de caçadas. Mas isso não interessa ao caso. Isto é: uma coisa interessa; não havia a clássica exposição de taças e prêmios. Ele os distribuiu sobre os móveis como se fossem adornos. Delicado, não achas?

— Acho, minha simpatia.

— Willie gostava de ir sozinho ao pavilhão. Para ler ou para limpar as armas. Às vezes, cochilava na poltrona. Na noite de sua morte, foi ao pavilhão. Coisa curiosa: esses homens que mexem com espingardas cuidam mais delas que das próprias mulheres. Ah! Não te falei de Sílvia. É preciso falar antes de Sílvia.

— Quem é ela?

— A viúva. Bonita, inteligente, mandona. Sabes que ela tem mania de escultura? Acho que foi essa uma das causas de não andarem os dois muito bem. Sílvia faz escultura abstrata. Ruim, muito ruim. Se ao menos fossem pequenas! Mas não. São enormes! E caríssimas, pois tudo é fundido em bronze. Willie aborrecia-se duas vezes: primeiro, porque não gostava da arte da mulher; segundo, por causa das despesas. Sílvia não perdoava ao marido jamais ter incluído num projeto qualquer escultura sua. O pai de Sílvia é embaixador, homem de prestígio. É ele o seu arrimo na vida artística. Credo! Esta história vai longe.

Pausa para bisar as bebidas.

— Naquela noite — contou Sílvia — ao ouvir o tiro, julgou que o marido experimentava uma de suas armas. Acostumados aos disparos, os criados também nada acharam de anormal. Quando mais tarde foi ao pavilhão, deu com o marido numa poltrona, ensangüentado, a cabeça recostada no espaldar. A bala entrara debaixo do queixo.

Na mesa, em frente, encontravam-se os apetrechos de limpeza das armas. Sílvia explicou o acidente assim: Willie, quando limpava o cano das carabinas, sentava-se na poltrona, apoiava a culatra no chão; segurando o cano da arma com a mão esquerda, trabalhava com a direita. Fizera, com certeza, um movimento para apanhar alguma coisa na mesa, quando a arma disparou.

— Mas você não disse que não tinha sido acidente?

— Espera, rapaz! Esses casos, na alta roda, nunca ficam suficientemente esclarecidos. Gente importante, gente de dinheiro, políticos abafam a história, influem no seu andamento. A própria imprensa amolece. Mas eu soube de tudo. Ou melhor: de quase tudo.

Acendeu outro cigarro, soltando uma baforada preguiçosa, na fruição integral do momento.

— Não precisas dizer: se não foi acidente, foi suicídio, é claro. Aí é que vamos chegar. Perguntada na Polícia como se fizera a preparação da limpeza das carabinas, Sílvia declarou que disso se encarregara o próprio marido. O diabo é que as escovas, as latas de óleo, as buchas continham impressões digitais de Sílvia. E recentes. E superpostas às de Willie! Aí ela teve que abrir o jogo. Embasbacou todo o mundo com esta declaração: “Meu marido era um grande homem. Um nome internacional. Uma glória do Brasil. Eu não queria que um suicídio encerrasse tão grandiosa, tão bela vida. Dispus tudo para simular um acidente.”

— E a Polícia caiu nessa?

— Claro que não. Apesar das influências oficiais, aperta daqui, aperta dali, apurou-se o verdadeiro jogo. Willie fizera um grande seguro em favor da mulher. Na apólice constava uma cláusula de... não me lembro o nome. O certo é que, se Willie se suicidasse dentro de um ano, o seguro não seria pago. A companhia devolveria apenas o dinheiro recebido. E o prazo não tinha sido completado...

— Compreende-se. Dinheiro sempre é bom, ainda que para eternizar péssimas obras de arte. Mas até agora você não me explicou: que razões tinha Willie para suicidar-se?

— “Moléstia incurável”, como se diz. Sofria de gastrite. Duas ou três vezes vi Sílvia preparar-lhe o remédio costumeiro. A moléstia não cedia. Foi ao médico. Não era gastrite, era câncer. Forçou o médico a dizer a verdade. No dia em que soube de tudo, meteu uma bala debaixo do queixo.

— Quem é o médico?

— Um tal Dr. Neije. É clínico geral. Continuou sendo médico da casa, isto é, de Sílvia, nas crises que teve depois da morte do marido e dos acontecimentos seguintes. Dizem as más línguas que ela está apaixonada por ele. Pode ser... andam muito juntos.

— E o processo, como ficou?

— Não ficou. Continua. Mas daquele jeito: esfriando. Tudo o que te contei não é público, não. Os jornais ainda não noticiaram o suicídio para explicar a morte. Sílvia e os familiares continuam lutando para ver aceita a versão do acidente. Tanto que — corre por aí — ela renunciou ao seguro para afastar a companhia seguradora, interessada na comprovação do suicídio. Agora, a situação exata do processo, não sei informar. E como dizia minha tia: acabou a história, morreu vitória.

— Você foi fabulosa. Nem parecia uma mulher, contando coisas com tanta concisão!

— Lá vem o presunçoso! Vocês homens não conseguem elogiar uma mulher sem, ao mesmo tempo, espolar o elogio em benefício próprio.

— Pazes!

Batemos os cálices e bebemos. Maria Paula observou um grupo de pessoas que passava na estrada, sob o terraço.

— Que coincidência, menino! Vês quem vai ali? A bela Sílvia. É aquela de preto e branco. Meio luto, com certeza.



O homem de suéter verde é o médico, o Dr. Neije. Ela está hospedada na casa do Madureira Sobrinho. O deputado.

— Já vi essa mulher, não sei onde... Ah! Agora me lembro. Foi numa festa. Se não me engano, em casa dos Peixotos. Mais um Xerez?

— Obrigada. Não posso. Vou almoçar com a Dorinha. Estou na horíssima.

E lá se foi Maria Paula, legando-me o seu perfume, logo desvanecido pelo vento. Desfez-se também a imagem dela nos meus pensamentos, agora concentrados, profundamente concentrados, na escultora Sílvia Nogueira.

Estou no rancho de um amigo, perto do morro do Elefante. Não cultivo a solidão, mas nesta noite preciso tanto dela quanto um anacoreta. Convoco dois outros elementos: o conhaque e o fogo, para combater o frio que se esgueira pelas frinchas do madeirame. E também para que meus raciocínios se inspirem no vigor e na agilidade das labaredas.

Willie Nogueira não era homem de desertar facilmente. Espírito combativo, participou de todas as campanhas do Instituto dos Arquitetos do Brasil; fora amante da vida, da natureza, do esporte, do trabalho, da glória. Dir-se-ia, por isso mesmo: quando percebeu não poder mais desfrutar as boas coisas de sua convivência, decidiu liquidar tudo de uma só vez. Não conheço ninguém que se tenha conformado com um único diagnóstico, quando lhe dizem ser irremediável seu mal. Mormente quem tem haveres e pode ir fazer-se examinar na Clínica Mayo ou em outra qualquer também famosa. A inércia, a resignação só se coadunam com a psicologia do enfermo dado por perdido, quando já existe nele um suicida em potencial. No caso de Willie, aceitar a morte ou ir buscá-la destoaria por completo do estilo de seu temperamento e de sua vida. Ele não sabia. O médico, Dr. Neije, declarou ter informado o cliente sobre seu verdadeiro estado. Ele disse que disse, mas não disse. Willie não sabia! Só assim se explica sua

falta de iniciativa para esclarecer seu caso, para conferir a opinião do Dr. Neije. Tenho a certeza: morreu sem lhe terem dito que sofria de câncer.

Sílvia é bastante inteligente. Seu comportamento atesta isso. Poderia ela esquecer-se de que havia deixado suas impressões digitais nos apetrechos de limpeza das armas? Poderia ela ignorar que o encontro dessas impressões daria por terra todos os seus informes sobre o preparo da limpeza, atribuído ao marido? Ofertada e instalada a idéia do suicídio, esperava ela que a polícia aceitasse a sua explicação de pretender encobrir a morte desafinada de Willie — ou aspirava a que vissem, sob a capa da nobre atitude, o grosseiro desejo de receber dinheiro? Contava, para fortalecer o terrível plano, com os interesses da companhia seguradora, ansiosa por casar a verdade com a comprovação do suicídio...

O expediente fácil da arrumação dos objetos de limpeza; o exagerado respeito à memória do marido; o entremostrear a mulher ambiciosa, tentando abiscoitar um seguro no instante mesmo em que encontra o marido morto, só visavam a uma finalidade: afastar a idéia do assassinio! Pugnando pelo reconhecimento do tiro acidental, havia robustecido a hipótese do suicídio e obstado a idéia do crime!

Não há mais dúvida para mim. Sílvia e Neije associaram-se num plano diabólico: eliminar Willie, fazendo-o passar por suicida. Além do plano bem urdido, usariam o prestígio da família e de amigos para sustentar o falso propósito de salvaguardar a memória do grande arquiteto Willie Nogueira.

\* \* \*

Esta série de raciocínios não brotou espontaneamente em meu espírito como os versos do poeta, as revelações dos místicos, as palavras de amor. Nasceu dos acontecimentos de uma festa: a festa dos Peixotos. A

memória despertada repintou o quadro: na casa dos Peixotos encontra-se o telefone sob a escada que leva ao andar superior. O lugar é escuro se não se acender um pequeno quebra-luz. Acabava de chegar para fazer uma ligação, quando Sílvia saiu da copa. Não me viu. Trazia na mão um copo de líquido efervescente. Depositou-o numa estante, abriu a bolsa, apanhou uma pílula, desvencilhando-a do invólucro para lançá-la no copo. Enfiou o papel na terra de um vaso de flores e seguiu para a sala onde se encontrava o marido.

Por curiosidade, sem que pela mente me passasse qualquer idéia, aproximei-me do vaso, exumei e recompos o papel, para ler: “Acidosil”. Se naquela ocasião o simples nome de um remédio nada me sugeriu, agora torna-se ele o suporte dos pensamentos aqui desenvolvidos. Porque o “Acidosil”, ao invés de curar, exacerba a gastrite hiperclorídrica. Willie tomava o medicamento adequado, no mesmo ato em que outro o inutilizava. Essa providência e o fato de a própria Sílvia servir o remédio, até que fora de casa, davam publicidade a uma gastrite crônica, *que* não se curava, apesar de carinhosamente tratada. Com esse malicioso recurso, um diagnóstico de câncer encontraria campo favorável, constituído por um passado de dores renitentes, de tratamento ineficaz. Aí começou o trabalho de Neije.

Assassínio a quatro mãos.

Pobre Willie! Cochilava no pavilhão, quando Sílvia, aproximando a carabina na posição conveniente, mirou a parte inferior do queixo e deu ao gatilho.

Pobre Sílvia! De agora em diante passará a funcionar o meu plano.

\* \* \*

Depois *de* várias investigações que *vieram fortalecer meus* raciocínios, eis as primeiras mensagens por mim dirigidas a Antônio Neije e a Sílvia:

*“Você se lembra das palavras de Hipócrates, proferidas ainda hoje pelos médicos, no juramento de formatura? “Prometo que, ao exercer a arte de curar, me mostrarei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência. ” Acha você que foi honesto, caridoso e sábio, transformando em câncer a simples gastrite de Willie Nogueira? Amor, amor! A quanto obrigas! Javert.”*

*“Acompanhei todos os seus passos. Desde o princípio, com as doses de 'Acidosil', para manter e agravar a gastrite de Willie. Seu plano foi, realmente, uma obra-prima e a ajuda do charlatão Antônio Neije foi essencial. Tenho ainda muita coisa a revelar sobre o 'suicídio' de Willie Nogueira. Javert.”*

Remeti outras mensagens, sempre em torno do processo criminoso. A última com a ameaça de denúncia se não houvesse um acordo de cavalheiros... em dinheiro. Se Sílvia aprovasse minha proposta, deveria naquela noite, às oito horas, deixar acesa a luz traseira do automóvel, estacionado, como de costume, à frente de sua casa. Eu telefonaria então às nove, para marcar um lugar de encontro.

Desci do ônibus e, ao atravessar a rua, percebi, a um quarteirão de distância, o vermelho da concordância. Quinze minutos depois, um táxi deixava-me à porta do meu apartamento. Às nove horas em ponto fiz a ligação. Sílvia atendeu. Não podia ser senão ela. Fui incisivo:

— Amanhã cedo, às dez horas, na Biblioteca Nacional.

— Não. À mesma hora, na Praia Vermelha, na estação do bondinho do Pão de Açúcar. Siga-me com discrição.

A mudança incontinenti da minha proposta, o imperativo da voz, o desligar seco do telefone denunciavam premeditação, segurança e desprezo.

Cheguei antes. Sentei-me num banco próximo aos poucos turistas interessados, àquela hora, em ver a Guanabara. Quando Sílvia surgiu para comprar o bilhete, a campainha anunciou o embarque. Fiquei satisfeito ao verificar a simplicidade do vestido esportivo, o rosto quase sem pintura, o cabelo arrumado negligentemente: não pretendia conquistar-me, com o fito de obter vantagens.

Sentados os passageiros, cerca de dez ou onze, ela me procurou com os olhos; cruzando-se com os meus, fez-se o reconhecimento; os dela transformaram-se em dois pedaços do próprio ódio, em verde e branco. Desviei o olhar para ver-lhe a bolsa, onde caberia um revólver igual ao meu.

Quando terminei a subida da escada do mirante, a silhueta de Sílvia marcava o azul nublado da marinha. Aproximei-me vagarosamente, recostando-me na grade, a um metro mais ou menos de distância. Falou comigo sem virar o rosto.

— Muito adequado o seu pseudônimo de Javert. Sou tão culpada quanto Jean Valjean.

— Por que veio, então?

— Porque estou cansada de ser notícia. Acho difícil um entendimento. Chantagem não tem fim.

— A escolha é sua. Creia ou não creia, mantereí minha palavra. Não sou um homem vulgar.

— Quanto?

— Cinco milhões.

— Patife!

— Assassina!

Virou-se e foi fingir que apreciava Copacabana. Caminhei para o lado dos morros. Daí a pouco, aproximou-se.

— Três... e sujeito a condições.

— É para estudar. Quando?  
— Amanhã.  
— Já sei. No Corcovado...  
— Não, seu cretino. À mesma hora, no Monumento ao Pracinha. Com quem tenho a desonra de falar?

Passei-lhe cautelosamente o cartão, onde figurava o meu nome e endereço.

— Concorda em viajar? Pode viajar a qualquer momento?

— Posso. Um homem como eu está sempre com o passaporte em dia.

— Vou indo. E você vá mais tarde. Não suportaria a sua presença no bondinho fechado, sem este ar puro aqui de cima.

— Perfeito. Eu também não agüento cheiro de sangue.

Descendo a escada, resmungou qualquer coisa. Acho que foi: “Canalha!”

\*\*\*

Ao atravessar a esplanada do monumento, entendi a escolha dos locais de encontro. Embora transacionando, Sílvia temia uma cilada. Num lugar amplo, aberto, podia controlar a situação com mais presteza e segurança. Quando atingi o monumento, ela examinava as pinturas ingênuas do painel do Volpi. Assim que me acerquei, girou o corpo, abrangeu com os olhos a área circundante. Terminada a inspeção, atirou-me um envelope.

— Guarde.

— Tirou informações a meu respeito? Está mais tranqüila?

— Economista! Essa é boa! Não sabia que chantagem fazia parte da sua profissão.

— Eu também não sabia que escultora faz estátua de gente viva...

— Cale-se! Tem boa memória?

— Pode dizer.

Andou até o fim da cobertura, com naturalidade. Afastei-me um pouco do painel, como se estivesse interessado no seu conjunto. Ela retornou:

— Aí estão cem contos para a viagem. Você irá à agência da “Air France” e comprará uma passagem para Madri, no avião que parte depois de amanhã, à meia-noite. Já apurei que há lugar.

— Perfeito. Mas cem contos não chegam para a passagem.

— Como não falamos sobre o assunto, eu pago a ida e você paga a volta. Os três milhões serão entregues em seis prestações mensais de quinhentos mil. Com exceção da primeira, que lhe darei no aeroporto, as outras serão remetidas em seu nome, para o Banco Suíço-Francês, em Genebra. O nosso acordo somente prevalecerá enquanto você estiver na Europa. Certo?

— Certo. E como receberei a primeira?

— Em notas de cinqüenta e cem dólares, num envelope, à hora do embarque. Na sala interdita ao público, onde os passageiros recebem os passaportes. *Nesse* momento terei a certeza de que você viajará, cumprindo o prometido. Entrarei então na sala para entregar-lhe o dinheiro. Claro?

— Perfeito. Mas estou lendo nos seus olhos: não vou receber as minhas últimas prestações. Daqui a dois ou três meses você obtém o arquivamento do processo e lá se foi o momento psicológico, chave do meu negócio.

— Creia ou não creia, mantereí a minha palavra. Não *sou uma* mulher vulgar.

Retirou-se, orgulhosa por ter imposto suas condições.

Como poderia eu recusá-las?

\*\*\*

Faltavam cinco minutos para meia-noite.

“Passageiros da “Air France” com destino a Paris, com escalas em Dacar e Madri. Queiram dirigir-se para o embarque. Boa viagem.”

Levantei-me do banco e, apanhando a maleta, encaminhei-me para a ala esquerda do aeroporto do Galeão. Só havia funcionários no balcão da “Air France”. Na galeria, seguiam os passageiros, com suas bolsas, malas, máquinas fotográficas, sobretudos e capas. Duas ou três pessoas vieram despedir-se. Do saguão, onde não havia ninguém, os passageiros rumaram para a sala de entrega dos passaportes, pondo-se em fila. Nesse momento, entra Sílvia com aturdimento fingido, dirigindo-se a mim:

— Quase que perco você! Toma.

E estendeu-me um envelope. Instantaneamente, os dois passageiros vizinhos deixaram cair ao chão o que carregavam e seguraram os braços de Sílvia, dando-lhe voz de prisão.

Novamente sobre mim os pedaços duros de ódio, em verde e branco.

Quando Neije, do lado de fora, percebeu que Sílvia saía acompanhada de vários homens, correu para o automóvel, onde era esperado por dois policiais.

Não passara pela cabeça da inteligente Sílvia que passageiros, mesmo na hora de entrar no avião, podem ser investigadores disfarçados.

\*\*\*

Recebi uma carta do Chefe de Polícia agradecendo minha colaboração, lavrada em termos raros, de verdade. Fala em “gratidão do Governo pelo grande serviço prestado à causa pública”. Estou ansioso para mostrá-la a Maria Paula, cujos cabelos de fogo voltaram às minhas lembranças com inquietante freqüência.

Nesta história toda cometi um único deslize: não contei a ninguém que o plano da chantagem me foi sugerido pelo



velho Leite, meu velho amigo, delegado em São Paulo.

## O Problema do Triângulo da Suspeição

Escutava-se o leve ruído da máquina de ar condicionado, de onde parecia emanar também a penumbra suave que envolvia a sala. Enfiou o corpo na poltrona, a cabeça reclinada no espaldar, os olhos no teto. O vaivém dos pensamentos teceu a melancolia, aos poucos manifestada no rosto. Fechou os olhos com a palma das mãos, como se pudesse apagar com o gesto as cenas desagradáveis por ele presenciadas. O corpanzil rijo, forte, enxuto, tremia sob a rajada dos fatos surpreendentes. A sequóia também treme com o furacão.

— O Dr. Arnaldo chegou.

Premiu o botão do alto-falante:

— Mande entrar.

O advogado atravessou a sala, bateu nas costas do amigo, sentou-se.

— E sobre Roberto? Confirmado?

— Confirmado. É corretor de dinheiro a juros de três a cinco por cento. Agiotas que não querem aparecer, inclusive os de quatrocentos anos. Essa corretagem hoje é uma profissão como outra qualquer. Com a inflação, brevemente estará sindicalizada. Há pouco tempo Roberto envolveu-se num lançamento duvidoso de ações. Uma companhia de cimento que acabou por não se constituir. Grande prestígio entre as mulheres, de quem aceita presentes.

— E Elza?

— Completamente apaixonada. É o cúmulo, mas é verdade. A princípio não fez exigência alguma. Desquite amigável, puro e simples. Agora, influenciada com certeza, quer a casa do Jardim América.

— Você sabe, Arnaldo: nosso casamento não ia lá das pernas. Mas vai uma distância enorme entre terminar

como... como um distrato, digamos assim, e como um *show* de infidelidade. Não dou coisa nenhuma.

— Pense bem. A partilha, num desquite, nada tem que ver com o comportamento moral dos cônjuges.

— Mas se sou casado com separação de bens, não me vejo obrigado a dividir nada.

— É que os tribunais têm admitido a participação da mulher nos bens adquiridos durante a constância do matrimônio, se houve alguma colaboração por parte dela no aumento da fortuna.

— Que colaboração? Nunca pôs os pés na fábrica, nem por curiosidade. Jogar buraco, ir ao cabeleireiro, ao cinema, encontrar-se com o amante. Isso é colaboração?

— Sejamos práticos, Antônio Carlos. A você interessa o desquite, evidentemente. Mais do que isso: o desquite amigável. É óbvio que você não pretende provar o adultério. Agora veja: se Elza se nega a resolver o caso amigavelmente, ela nos devolve a iniciativa do desquite litigioso. E essa solução não serve de modo algum. Seria uma transação: a casa do Jardim América contra o desquite amigável.

— Você está esquecido das jóias, Arnaldo. São muitas e de valor. E você me conhece muito bem: não deixaria a Elza passar por dissabores financeiros. Mas enquanto estiver com esse malandro, nem um centavo. Ele porá tudo fora, e em pouco tempo. Você me perdoe não aceitar o seu conselho desta vez. Corro o risco.

O cliente sentenciara. O advogado calou. A máquina de ar condicionado exibiu o ronronar macio. Arnaldo retornou em tom abrandado:

— E com Marcelo, que é que se faz?

— Não mudei de opinião. O homem trabalhou vinte anos com papai. O velho dizia: “A ciência da vida é compreender... menos em matéria de dinheiro.” Falarei com ele esta noite. Nunca vi tanta hipocrisia! E olhe,

Arnaldo: peço-lhe um favor: resolva os dois casos o mais depressa possível, porque em seguida vou para a Europa.

— Com Laura?

— Com Laura.

— E Horácio?

— Que se dane! Não estou em condições de pensar nas dores alheias.

Levantou-se o advogado vagarosamente:

— Foi uma das conversas mais objetivas que temos tido como cliente e advogado. E você nunca foi tão cliente.

— Quero perder o gosto das fraquezas, Arnaldo. Custam muito caro.

— E Laura?...

— Por enquanto, uma excelente companheira de viagem. Sua música me acalma. Vamos de navio e com piano no camarote.

Despediram-se, depois de um frio sorriso de Arnaldo.

No fundo azul da sala destacava-se Netuno, lavor de prata portuguesa. Privado de seu tridente, perdera a soberania da divindade para restar um títere nu e insípido. Enterrado no peito de Antônio Carlos, reluzia o tridente no vermelho da camisa ensangüentada. Tiradas as fotografias, um rapaz da Polícia Técnica baixou as pálpebras do cadáver, encobrendo o último olhar revestido de espanto seco.

Desinteressado dos trabalhos de seus auxiliares em volta do corpo da vítima, o velho Leite comprazia-se em examinar móveis e objetos. Pediu, afinal, que fotografassem duas pequenas mesas, um cinzeiro de ágata, partido ao meio, cujas partes haviam sido recompostas, dando a sensação de inteireza.

— Que é que acha, Dr. Leite?

— Por enquanto, nada. O crime progrediu muito. Esse negócio de impressões digitais, fios de cabelo, objetos esquecidos... é história antiga. Não se encontra mais.

— Com sua licença, Dr. Leite. Arnaldo Passos. Advogado de Antônio Carlos e de suas organizações. Desejava falar com o senhor.

— Pois não. Às suas ordens.

E voltando-se para Galeno:

— Isto, sim, é que interessa. Mas vamos conversar fora daqui.

O advogado propôs a sua casa como local conveniente, aliás, no mesmo bairro. O velho Leite deu instruções a Galeno e retirou-se em companhia de Arnaldo Passos.

\* \* \*

— Depois desse golpe, a mim me faria bem um conhaque. Que pensa o senhor?

— Se posso escolher, prefiro uísque, com bastante gelo e pouca soda.

Enquanto o advogado preparava as bebidas, o velho Leite admirou as estantes de cerejeira guarnecidas de lombadas de várias cores, formando manchas consonantes, a ponto de sugerir uma composição de arte abstrata.

Já providos, sentaram-se. Arnaldo, enfiando a haste do copo entre o indicador e o médio para aquecer-lhe o fundo com a palma da mão, entrou no assunto:

— Só em romances policiais tenho encontrado uma equação tão perfeita para o assassinio. A vida de Antônio Carlos corria às maravilhas. A indústria em pleno progresso, anunciando lucros respeitáveis. O casamento meio chocho, é verdade, mas socialmente sólido e útil. De repente, a mulher se apaixona por um tal Roberto Vasques, tipo do malandro fino, que age em esferas políticas. Deixa o marido, corri certo escândalo. Concomitantemente, Antônio Carlos descobre que Marcelo Nunes Pedroso, diretor da fábrica e administrador de seus haveres particulares, vem há algum tempo dando vultoso desfalque. Agora, o terceiro acontecimento. Humilhado pela traição pública da mulher,

agastado pela deslealdade do velho servidor, Antônio Carlos desaba nos braços de Laura. Pianista, jovem e bonita.

— Esse pedaço da história é muito bom.

— Pois não é, Dr. Leite. Por causa de Horácio, noivo de Laura. Não se conformava com a perda da moça, que dizia estar sendo ludibriada: Antônio Carlos queria, apenas, reabilitar-se prontamente como homem.

— E a equação da morte de que você falou?

— A equação é a seguinte: Roberto, o amante, não conseguiu demover Elza de desquitar-se, e a bomba estourou na sua mão. E em péssimas condições. Ela vinha só com as jóias. Antônio Carlos decidira não lhe dar coisa alguma. Casada com separação de bens, inculpada de adultério, Elza não queria exigir nada do marido. Legalmente, para ela, a situação era bastante precária. Agora veja bem: Antônio Carlos não tinha ascendentes nem descendentes. Se morresse antes de homologado o desquite, Elza seria, como é, a sua herdeira universal, de acordo com a vocação instituída no Código Civil.

— E o caso de Marcelo está na cara...

— Poderia não estar, se Antônio Carlos tivesse assumido atitude compreensiva. De regra ele era conciliador, menos em matéria de dinheiro. Havia-me autorizado a instaurar inquérito, se não houvesse a imediata reposição dos valores desviados. E eu comuniquei o fato a Marcelo... Quanto a Horácio, a paixão por Laura e o despeito levaram-no a fazer graves ameaças, segundo me informaram. Aí está o triângulo da suspeição: Roberto, Marcelo, Horácio.

Pela segunda vez, o velho Leite levou aos lábios o copo vazio, umedecendo-os com o gelo que, retornando ao fundo, fez tilintar o cristal.

— Perdoe-me, Dr. Leite. Interessei-me pela conversa e não percebi que estamos de copos vazios.

Enquanto esperava o uísque, o velho Leite pôs-se a apreciar a leveza e a precisão dos gestos de Arnaldo Passos; aliadas à clareza da exposição, demonstravam um espírito ordenado e firme.

— Agora. Dr. Leite, vou tomar a liberdade de dizer-lhe uma coisa. Fui procurado pelos dois irmãos de Antônio Carlos. Como é natural, estão interessados na descoberta e na punição do assassino. Mas há também uma outra razão — e bastante séria — para justificar tal interesse. Se Roberto for o assassino e provar-se qualquer participação de Elza, perderá ela a herança, que passaria, então, aos irmãos. A lei exclui da sucessão os autores e co-autores de crime de homicídio voluntário, contra a pessoa que vai ser sucedida.

— Dizendo isso, o senhor não tomou liberdade nenhuma...

— Chego lá. Os irmãos estão dispostos a colaborar com a Polícia, inclusive em matéria financeira, se for o caso. Suspeitam fortemente de Roberto...

O velho Leite levantou-se, deu o último gole e encerrou a conversa:

— A Polícia de São Paulo está material e tecnicamente tão bem aparelhada como qualquer outra. O resto é competência, experiência, responsabilidade. Coisas difíceis de serem ajudadas... Em assuntos de mistério, vale mais um bom raciocínio seu, por exemplo, que o dinheiro dos interessados.

\* \* \*

— Em primeiro lugar, quero agradecer a boa vontade dos senhores. Sei que ambos são comerciantes e largaram seus quefazeres. Agora, vamos ao caso. Apuramos por uma ficha da organização “Oslo” que os senhores no dia 25 de maio, entre dez e dez e meia da noite mais ou menos, tomaram um banho de sauna. É exato?

Um dos comerciantes revirou os olhos para cima, como se quisesse enxergar para trás, depois ambos confirmaram.

— Pois bem. Nessa mesma hora foi cometido um crime de que os senhores devem ter tido notícia. O assassinio do industrial Antônio Carlos Lameira. Por circunstâncias e motivos cujas explicações são dispensáveis, deverão os senhores dizer se a pessoa que vai entrar nesta sala estava ou não presente naquele banho de sauna que tomaram no dia 25. Recomendo-lhes o maior zelo no exame do caso, pois de suas respostas podem resultar efeitos realmente graves.

Galeno, um dos três auxiliares do delegado reunidos na sala, levantou-se e abriu a porta. Dela emergiu um vulto que se poderia catalogar entre os figurantes de cenas da índia. Uma toalha branca amoldava-se à cabeça, permitindo o relevo do rosto, com nitidez. Do rosto, por seu turno, sobressaíam os olhos escuros e vivos. Ante a pequena assistência, movimentava-se o corpo magro, esguio, seco, com um pano amarrado à cintura.

Uma das testemunhas cochichou qualquer coisa aos ouvidos do delegado e o resultado foram instruções, logo obedecidas, para o modelo dar uma volta e caminhar, mostrando as costas. Terminada a evolução, o figurante retirou-se com passos apressados, denunciadores do mal-estar que lhe causava a exibição.

— Então, meus amigos?

— Não tenho dúvidas. Trata-se da pessoa que tomou banho conosco na sauna.

A outra testemunha assumiu atitude saliente, usufruindo o momento de submissão da Polícia à sua palavra. Falou com calma, dando à voz um certo tom artificial, muito do gosto de alguns artistas nacionais: A princípio, quem sabe não pudesse eu afirmar, como o fez meu companheiro. que a pessoa fosse a mesma. Já se passaram alguns dias pois de nosso encontro e a falibilidade do depoimento pessoal é coisa sabida e ressabida. Havia eu notado, porém, que o



nosso companheiro da sauna tinha uma mancha escura nas costas, parecida com as linhas dessas amebas que servem de inspiração aos arquitetos das piscinas modernas. Naquela noite fiz essa reflexão. Daí poder declarar, com segurança que se trata do mesmo homem.

O velho Leite agradeceu mais uma vez a cooperação dos comerciantes. advertindo-os do sigilo necessário sobre o ocorrido, a fim de evitar prejuízo moral a terceiros.

Abriu-se depois a porta, e por ela passou de novo o mesmo homem magro, esguio, enxuto, agora vestido com tanto esmero que, com um chapéu coco, luvas e bengala, atravessaria o Strand sem ser notado pelos londrinos.

— Senhor Roberto Vasques: espero que compreenda a nossa situação. A prova foi desagradável, porém teve o mérito de excluí-lo de qualquer suspeita. Muito obrigado.

O homem cumprimentou o delegado com um ligeiro inclinar de cabeça e saiu da sala, levado por passadas resolutas.

— Pensei, Dr. Leite, que ele fosse dar uma “bronca”.

— Malandro não estrila. Galeno. E sabe de uma coisa? Olho nele, sempre e sempre. Quero saber de todos os seus passos.

\* \* \*

Apesar de enrijecido pela profissão, o velho Leite sempre manifestou delicadezas no exercício de suas funções. “Do cacto também nasce a flor”, dizia ele com graça.

— Não. Vamos de táxi. O carro da polícia chama a atenção dos vizinhos e pode criar problemas à família. Finalmente, ele é apenas um suspeito.

O primeiro olhar foi para o jardim bem cuidado, a casa ampla e moderna, e o segundo recaiu sobre Marcelo Nunes Pedroso, marchando ao encontro do delegado como se o recebesse para uma festa. O corpo pequeno, gordo e pesado não se coadunava com a cintilância e a vivacidade

dos olhos. A pele do rosto, nédio e rosado das figuras de Rubens, parecia tocada de verniz. Nas bochechas transpareciam capilares arroxeados pela emoção do encontro, lembrando miniatura de mapa hidrográfico.

Precedidos por Marcelo, a indicar o caminho com gestos reiterados, o velho Leite, Galeno e um investigador entraram na sala, onde o esperavam Dona Alzira, mulher de Marcelo, uma empregada da casa e o “inspetor da fábrica”, como foi qualificado o homem que lá estava.

O delegado organizou a reconstituição dos fatos principais ocorridos naquela sala, na noite de 25 de maio, quando o peito do patrão de Marcelo foi varado por um tridente.

João Duque, o inspetor, esclareceu:

— Nessa noite eu devia partir para uma inspeção urgente na filial de Barretos. Mas “Seu” Marcelo não havia terminado o relatório do caso. Combinei com ele, então, que passaria por aqui, depois do jantar, para apanhar o trabalho. Cheguei às nove e meia mais ou menos. Aconteceu que “Seu” Marcelo precisava ainda de alguns dados, que forneci imediatamente. Ele foi para o escritório, ali mesmo, e bateu a máquina o final do relatório. Dona Alzira e eu ficamos conversando, sentados nestas poltronas.

— Quanto tempo levou para “Seu” Marcelo voltar?

— Uns vinte minutos. Lembro-me bem, porque estava preocupado com a hora do meu embarque. Saí desta casa às dez e meia.

O velho Leite empurrou a porta do escritório, esquadrinhou-o com o olhar, demorando-o na janela aberta para o jardim.

— Como é que a senhora e o senhor podiam saber se Marcelo estava realmente no escritório?

— Pelo barulho da máquina. Da cadeira, quando se levantava.

— Dr. Leite: meu marido sofre de bronquite. Por causa do cigarro. Quando trabalha, fuma demais e por isso tosse muito. Ouvimos sua tosse, várias vezes.

A empregada confirmou a presença de Marcelo, quando, naquela noite, trouxe o café e quando veio buscar a bandeja.

— “Seu” Marcelo, agora o senhor. Diga o que aconteceu.

— Pois não, Dr. Leite. De posse dos elementos fornecidos por João Duque, avisei Alzira de que não queria ser interrompido e que não atenderia o telefone. Alzira lembrou-me o encontro com Antônio Carlos. Respondi-lhe que o havia cancelado, porque João devia embarcar, sem falta, naquela noite. Fui então para o escritório, terminei meu trabalho.

O corpo redondo, anafado, passou pela porta, imediatamente fechada. Ouviu-se com nitidez o arrastar da cadeira, o papel correr no rolo da máquina, o martelar dos tipos, a interrupção, a tosse.

Quando Marcelo reapareceu na porta, o delegado já se despedia, deixando-o em companhia de um sorriso beato, tão comum nos anjinhos barrocos.

No táxi:

— Para onde, chefe?

— Rua Marques Dutra, 75. Confira o marcador, porque quero saber a distância daqui até lá.

O carro parou em frente à casa de Antônio Carlos Lameira.

— Quatrocentos metros, doutor.

— Obrigado. Podemos voltar.

O alibi de Horácio Malavini era, em verdade, espetacular: deporiam a seu favor cerca de cem pessoas. Horácio é trombonista da orquestra do Teatro Municipal. Na noite de 25 de maio, os acordes de “La Traviata” enlevaram os espectadores, com o concurso, embora parcimonioso, da guturalidade do trombone. Regente,

músicos, porteiro, auxiliares em geral, formavam as cartas de um baralho, de onde o velho Leite escolheu quatro, como faz no início de certos jogos para selecionar os parceiros. Os eleitos testemunharam de modo uníssono: Horácio participara da execução da obra de Verdi e, conseqüentemente, afastava-se de qualquer suspeição, pois não abandonara o teatro na noite do crime.

Restou ao velho Leite uma curiosidade; pôde satisfazê-la e depois raciocinou: a psicanálise obteve fama com os técnicos incumbidos de sua aplicação, com as contribuições livrescas, cinematográficas e teatrais; suas concepções primeiras servem hoje como mostra de erudição, de interpretações burguesas de demasias e exorbitâncias. O vocábulo “complexo”, por exemplo, faz parte, agora, da linguagem comum.

Motivou o raciocínio a explicação dada pelos músicos da orquestra do Teatro Municipal sobre o fato de Horácio Malavini tocar trombone. O físico acanhado, a claudicância da perna esquerda, a timidez não se conformavam com o volume do instrumento e a profundidade dos baixos que emitia. Diziam: complexo de inferioridade...

\* \* \*

Quando o mistério se apresenta espesso, impedindo o vislumbre das premissas, uma excitação ambulante envolve o velho Leite, obrigando-o a andar de cá para lá, mesmo na exigüidade de um quarto.

Na sala, em andanças, o encontrou Galeno. Receoso de atalhar os raciocínios, mas intuindo a relevância da visita, anunciou:

— Dona Alzira Nunes Pedroso quer falar com o senhor.

Assim como a luz fria, apesar de reclamada, demora a concluir-se, o delegado não conseguiu, celeremente,

interromper os pensamentos e aceitar a presença de Galeno e suas palavras.

— Sim, sim... Mande entrar.

Além da bolsa, carregava um *necessaire*, como se diz, uma espécie de maleta alta, de viagem. Observação mais aplicada, porém, não qualificaria assim o objeto, pois na parte da frente surgiam dois pequenos círculos, chapados com tela de metal.

— Aqui está, Dr. Leite, a prova do crime. Da morte do Antônio Carlos.

Até onde um delegado pode dar mostras de perplexidade, o velho Leite o fez, incapaz sequer de indagar qualquer coisa.

Dona Alzira desenrolou um fio, preso à pequena caixa, procurou uma tomada elétrica, fez a ligação. Voltou à mesa onde depositara o aparelho, levantou a tampa, revelando um gravador. Apertou a chave e os dois círculos começaram a girar em sentido contrário. Dona Alzira premiu novamente a chave e os círculos pararam incontinenti.

— Lá em casa, quem mexe com o gravador sou eu. Havia gravado um programa de música napolitana. Minha mãe era italiana, doutor. Não tinha ouvido a gravação ainda. O senhor sabe: passamos por um susto grande. Ontem, depois de tudo explicado com a sua visita, lembrei-me da gravação e liguei o aparelho. Agora, o senhor vai ouvir.

Virou a chave. A princípio o zunido da fita correndo no rolo, depois o ruído seco e continuado, de repente estacado, para suceder-se em novo período. Eram sons de máquina de escrever em trabalho. Nova interrupção, mas ao invés da batida dos tipos, uma tosse rouca. Em seguida o barulho de abrir e fechar de gaveta. Silêncio. O “Sole Mio” invadiu a sala. Dona Alzira desligou e religou a chave, os discos giraram rápidos, um botão foi premido, passaram a virar, lentos agora, em sentido contrário.

— O senhor tinha razão quando perguntou como é que podíamos saber se Marcelo estava no escritório. Ele não estava, doutor! É um homem inteligente. Sempre foi. Primeiro, ele gravou os barulhos, quando estava trabalhando. Depois armou a visita de João Duque. O relatório, à última hora... Ele já tinha escrito tudo. Entrou no escritório, fechou a porta, botou o gravador funcionando e saiu pela janela. Foi à casa de Antônio Carlos... Quando voltou, ligou a máquina para... como se diz... desgravar os ruídos. No silêncio, parecia a nós, na sala, que estava lendo e corrigindo o relatório. Mas aí cometeu um erro: foi impaciente. Com a consciência pesada, deve ter ficado nervoso com o tempo correndo. No primeiro silêncio mais prolongado, desligou o aparelho, supondo que havia terminado a gravação.

Dona Alzira desligou a chave, recolheu o fio, enrolando-o cuidadosamente antes de colocá-lo no lugar, fechou a tampa do gravador.

— Aqui fica a prova, Dr. Leite. E mais: o meu depoimento gravado na fita. Na Justiça parece que tudo é escrito. Voltarei para assinar o que for preciso, quando o senhor quiser.

Apanhou a bolsa, preparando-se para a retirada.

— Peço-lhe um obséquo, Dona Alzira. O caso é mais complexo do que a senhora pensa. Será que a senhora poderia colaborar com a Polícia, não dizendo nada a ninguém por algum tempo? A senhora mostrou-se tão firme, tão resoluta...

— Meu marido está viajando. Chegará dentro de quatro dias. Até lá, prometo não dizer nada a ninguém.

Encaminhou-se para a porta. Galeno não resistiu:

— Mas por que é que a senhora...

— Porque amo meu marido. Porque ajudei a construir a sua vida. Porque tenho sangue napolitano. O desfalque não tinha importância... mas sabe para onde foram os milhares e milhares de cruzeiros? Para uma sem-vergonha,

que se chama Catarina. Tem um apartamento, automóvel, frequenta o Guarujá, só veste modelos.

Duas lágrimas apontaram nos olhos, mas, antes de caírem, Dona Alzira virou-se e saiu da sala.

A delação, em si, não comoveu os dois experientes policiais, acostumados ao desfile de impulsos do amor e do ódio; mas a intrepidez, a austeridade, a implacabilidade do gesto modelaram a atitude dos dois homens, imóveis, a olhar a porta, denotando surpresa ante uma nova forma de ser gente.

— É tão raro, Dr. Leite, a solução cair do céu... Vou buscar o homem?

— Não, Galeno. O caso ainda não está resolvido.

E pôs-se outra vez a andar, como de hábito.

Galeno retirou-se, pensando: “Como não é o gorducho do Marcelo, se um tocava no Municipal e o outro se banhava na sauna? Como não está ainda resolvido o caso?”

\* \* \*

Dirigida por Tizzi, a orquestra do Teatro Municipal brilhou na noite dedicada a Brahms, mormente na execução da Sinfonia em Ré Maior. Num gesto cativante, comentado pela imprensa no dia seguinte, o Governador do Estado, no fim do espetáculo, foi à caixa do teatro cumprimentar os músicos. Ao sair, no saguão, o Governador destacou-se do grupo que eternamente rodeará o político mais importante em lugares públicos, para conversar com um modesto servidor, prontamente vindo ao seu encontro. Apenas duas palavras, para retornar, então, ao convívio dos sorrisos, dos elogios, dos salamaleques.

Chegando à porta, não escondia o servidor seu contentamento, a bater com o programa enrolado na palma da outra mão. Juntou-se a um companheiro e, caminhando

com vivacidade, chegou ao “Safari Bar”. Mesa ao fundo, discreta.

— Boa noite, Dr. Leite. Dois uísques?

— Como sempre, Deodato. Galeno, o meu raciocínio estava certo.

— Que raciocínio, doutor?

— Sobre Horácio Malavini, o noivo de Laura. Na noite de 25 de maio representou-se “La Traviata” no Teatro Municipal. O espetáculo começou às nove e quinze. O primeiro ato durou quarenta e cinco minutos, mais ou menos. Seguiu-se um intervalo de vinte minutos; iniciou-se o segundo ato às dez e vinte. Agora veja: os músicos costumam sair, no intervalo, para tomar café no Bar Argélia, atrás do teatro. Horácio poderia ter saído com os companheiros, mas, ao invés de ir ao café, teria apanhado a sua “Lambreta” e seguido para a casa de Antônio Carlos Lameira. O percurso, já cronometrado, é de dez minutos para ir e dez para voltar.

— Então quando ele chegou, o segundo ato já havia começado...

— Aí está o problema. No segundo ato, o trombone só entra onze minutos depois de a orquestra ter atacado. Um minuto a mais ou a menos, conforme a orientação do maestro ou do *regisseur*. Horácio tinha, portanto, tempo de sobra.

— Mas como é que o senhor sabe dessa coisa?

— Ora, quando desconfiei do homem, procurei o regente da orquestra, que me explicou a história. E me disse mais, o que aliás sabia. Quando o regente atinge o pódio, cumprimenta os artistas num movimento de cabeça, agradece as palmas — se existem — percute a estante com a batuta e levanta os sons. Daí por diante a sua atenção só se voltará para um músico, ou para um grupo deles, no momento exato em que deve entrar. Note-se que, no caso, a atenção do regente comprometia-se, além da orquestra, com os personagens da ópera, no palco. Mais ainda: o lugar



do trombone é o último, ao fundo do poço da orquestra, ao lado da porta. Daí nem o regente nem os companheiros terem notado a falta de Malavini. No começo, aliás, é comum um ou outro músico atrasar-se, quando sua intervenção não é inicial.

— Mas, Dr. Leite: e a entrada dele no teatro, na volta? Chegando depois de iniciado o espetáculo, não chamaria necessariamente a atenção do porteiro?

— Aí está o segundo problema. No Teatro Municipal, na galeria do lado direito, perto da frisa das autoridades, existe uma porta que dá para um terraço, ao lado da rua. Está sempre fechada. Servia de comunicação entre o teatro e um bar, que antigamente funcionava no terraço. Malavini, na volta, entrou por essa porta. Verificou que não havia ninguém no corredor, pois o espetáculo já se iniciava. Esgueirou-se pela entrada da caixa do teatro e atingiu a escada que dá para o poço da orquestra.

— Quem pode provar isso?

Tilintou o copo do velho Leite.

— O Governador do Estado. Estamos com sorte neste caso, seu Galeno. No outro dia fui chamado a Palácio. O Governador queria esclarecimentos sobre o crime. Antônio Carlos Lameira foi um dos industriais financiadores de sua campanha eleitoral. Conte-lhe a minha suspeita quanto a Malavini. Aí, foi uma bomba. Ele assistira à “La Traviata”. No intervalo atrasou-se, conversando com um deputado no corredor, e quando entrava na frisa, ouviu um ruído. Voltou-se e viu um homem entrar cautelosamente pela porta que dá para o terraço. Como estivesse quase no interior da frisa, no escuro, não foi visto.

— E hoje reconheceu Malavini?!

— Exatamente.

— Vou já buscar o homem!

— Não, Galeno. O caso ainda não está resolvido.

O velho Leite tirou um papel do bolso, leu-o com atenção. Bebeu o último gole de uísque, retendo por mais

tempo o copo na boca para permitir a passagem do resto da bebida pelos cubos de gelo.

— Galeno: é preciso redobrar a vigilância sobre Roberto Vasques.

Por este relatório verifica-se que ele entrou no cinema “Boulevard”, ficou dez minutos lá dentro e saiu. Fez a mesma coisa, outro dia, na igreja de São Bento. Anda encontrando-se com alguém que não pode ser visto com ele. Quero saber quem é.

Deixaram o bar e, no trajeto para casa, o mistério da Rua Marques Dutra havia desaparecido. O caso, sob o ponto de vista intelectual, tornara-se um bagaço para a aguda inteligência do velho Leite.

\* \* \*

Já era noite quando se encontraram. A essa hora ninguém frequenta o pequeno parque da Avenida Paulista, em frente ao antigo Trianon. Encaminharam-se para o banco do encontro anterior, mas ao enveredarem pela ruela ensombrada, um deles, aproveitando a curva que o distanciou alguns passos, tirou um cassetete do casaco e desfechou um golpe na cabeça do outro. O corpo amoleceu, a cabeça descaiu e, assim, despencou no chão, de borco. Guardou a arma no cinto, entre a camisa e o casaco, enfiou o pé direito debaixo do corpo fazendo-o girar, de modo a pô-lo de frente. Retrocedeu, apanhou um bloco de pedra, resto de um banco quebrado; ergueu-o com esforço acima dos ombros, com a intenção de deixá-lo cair pesadamente sobre a cabeça do corpo inanimado. Os dois investigadores chegaram a tempo de impedir o massacre, um segurando-lhe os braços, outro arrebatando-lhe o bloco de pedra.

Algemado, Roberto Vasques foi conduzido ao automóvel da polícia, por um dos investigadores. O outro cuidava de reanimar o corpo estendido no chão. Chamada pelo rádio

do carro, chegou logo a ambulância, para partir célere em direção do Hospital das Clínicas.

Pouco tempo depois, perambulava o velho Leite no corredor do hospital, em frente ao quarto 1002, agora não com o fito de excitar os raciocínios, mas por força de simples pressurosidade.

O médico saiu do quarto:

— Não vejo inconveniente, Dr. Leite, em atender ao seu pedido. Ele está anestesiado. Só acordará dentro de uma hora, mais ou menos. Porei um enfermeiro à sua disposição.

— Peço-lhe a gentileza, doutor, de assistir à prova.

— Pois não, Dr. Leite.

Entraram no quarto, seguidos de Galeno e de um fotógrafo. Enroladas na cabeça, as bandagens não cobriam o rosto, cuja palidez ressaltava o bigode e a barba castanha, bastante crescida.

Batidas algumas chapas do rosto nazareno, o enfermeiro ensaboou-o, com certa dificuldade, e começou a raspá-lo a navalha. A operação durou mais tempo que o barbear comum, dada a abundância dos pêlos.

Embora o delegado se alteasse na ponta dos pés, nada conseguia ver, pois o enfermeiro, inclinado, obstruía-lhe a visão. Terminada a tarefa, enxuto o campo, o enfermeiro, afastando-se, permitiu a revelação do rosto de Roberto Vasques, um pouco mais envelhecido.

— Não é um sósia perfeito, mas na sauna, com a toalha na cabeça, dentro do vapor feito neblina, qualquer pessoa o confundiria com Roberto.

Depois do comentário o velho Leite quis examinar as costas do paciente, acima da nádega direita.

— Evidentemente, não existe a mancha escura, em forma de ameba, que Roberto tem neste lugar. Seria demasiada coincidência... Produziram a mancha artificialmente. Constituía, para Roberto, fator

imprescindível do reconhecimento. Muito obrigado, doutor, por sua colaboração.

Retirou-se o velho Leite com Galeno, enquanto o fotógrafo batia chapas do novo rosto.

— Não sei, Galeno, como Roberto, malandro velho, deixou de prever o perigo do alibi que constituiu. É evidente: passaria a ser vítima da chantagem, assim que o parceiro descobrisse a finalidade do serviço. Daí ter pensado na solução extrema: matá-lo, desfigurando-lhe o rosto e, com certeza, inutilizando os documentos de identidade. Até malandro perde a cabeça.

— Com a queda dos álibis, Dr. Leite, voltamos à estaca zero. Os três continuam suspeitos...

— Ao contrário: agora o caso está resolvido. Você pode ir buscar os outros dois, Malavini e Nunes Pedroso.

— Puxa! Eu não acerto uma!

\* \* \*

No dia seguinte, tomados os depoimentos do sócia de Roberto e dos três suspeitos, terminada a acareação entre eles — tudo confirmando as previsões do velho Leite — Galeno e os investigadores ligados ao caso reuniram-se com o delegado em seu gabinete. Desejavam saber como o detetive “bolara” a solução do crime.

O velho Leite é um homem modesto. Nessas ocasiões, entretanto, não consegue encobrir o prazer vaidoso de explicar os seus raciocínios, de assinalar a sua sensibilidade no trato do mistério, a audácia de certas conjeturas.

— Qualquer dos três suspeitos tinha fortes motivos para assassinar Antônio Carlos. Nunes Pedroso preparou o ambiente, marcando um *encontro* com ele às dez horas da noite. *Como se* tratasse de assunto eminentemente pessoal e grave, a pressuposição era de que ninguém mais iria à casa de Antônio Carlos àquela hora. Disse à mulher que havia cancelado o encontro, mas na realidade não o fez.

Vocês ouviram, na acareação, que havia um entendimento entre Roberto e Nunes Pedroso para liquidar Antônio Carlos. Nesse ponto cometi uma falha.

Aliás sem importância, porque o resultado foi o mesmo. Julguei que Malavini participasse da combinação dos dois, mas ele pensou em fazer o serviço sozinho. Houve uma extraordinária coincidência na execução dos planos. Quando Nunes Pedroso surpreendeu Malavini escondido no jardim, ambos perceberam instintivamente a identidade de seus propósitos. Nunca se formou uma sociedade com tanta rapidez. De fato, uma sociedade perfeita. Dividiram os encargos do crime, juntamente com Roberto, sem risco de se desentenderem na partilha das vantagens, porque estas eram autônomas. Cada um visava a coisa diversa.

— Mas o que levou o senhor a pensar que eram os três os assassinos?

— O tridente de Netuno... Ele substituiu, aliás, os revólveres de Malavini e de Nunes Pedroso. Arma menos ruidosa, menos denunciadora. Depois, Roberto Vasques é um homem magro, esguio, seco. Nunes Pedroso, pequeno, gordo, pesado. O outro, o Malavini, tem físico acanhado, puxa de uma perna. Dizem até, por piada, que toca trombone para vingar-se de um complexo de inferioridade. Como seria possível a qualquer dos três matar Antônio Carlos com um tridente? Antônio Carlos tinha um corpanzil rijo, forte, musculoso, era um verdadeiro atleta. Nem mesmo dois deles juntos. Mas os três, sim. Vocês viram as fotografias das mesas e do cinzeiro quebrado. Sinais da luta, que logo terminou com a morte.

Preparava-se o velho Leite para receber cumprimentos, quando a porta se abriu:

— Chegou Dona Alzira Nunes Pedroso. Quer falar com o senhor.

— Que entre.

— Bom dia, Dona Alzira. Mandeí chamar a senhora para devolver-lhe o gravador. Tive a cautela de inutilizar o

seu depoimento e o resto da gravação feita por seu marido. Obtive a confissão dele sem precisar desse auxílio. Agi assim, Dona Alzira, por saber que a senhora está arrependida...

Pranto convulso de Dona Alzira.

Galeno sorriu ante o gesto bondoso do velho Leite.

Do cacto também nasce a flor.

## **Ninguém Morre Duas Vezes**

Certos impasses da vida levam os que neles se enredam a pensar na morte de um dos parceiros como única solução. Quase sempre o pensamento se desintegra ao entrar na órbita da realidade. De quando em quando prossegue dentro dela e, no incandescimento crescente, faz levantar a mão para o crime.

Assim foi com “Jambeiro”, apelido ganho na repartição, já na idade madura, por aludir sempre — e com saudade — aos jambeiros da propriedade dos ingleses, na Praia Vermelha, em Niterói, onde o ponto era marcado pelos sanhaços e sabiás, e o trabalho consistia em esperar a rede, apanhar o peixe do seu “Esmite”, levá-lo a casa; entremear depois com a escola, banhos de mar, peladas, abius, carambolas, e muita infusão de casca de abacaxi, estourando como champanha quando a rolha era tirada.

Veio para São Paulo em 32, servir na revolução. Não voltou mais ao Estado do Rio. Com a ajuda de amizades amalgamadas na campanha e no perigo, fez carreira no funcionalismo estadual, e agora esperava mais uma “letra” para vender a casa e comprar um canto no litoral fluminense, onde de novo lhe fosse dado ouvir pássaros, aspirar ventos mareiros, treler com pescadores, recuperar seus entendimentos com o mar e com o ócio.

Mas essa paisagem marítima foi-lhe retirada dos olhos. Quem o fez foi José dos Cinco.

“Você precisa de alguma coisa no Tribunal? Procure o Jambeiro. Resolve tudo.” Quando foi do casamento de Clarisse, porém, quem resolveu os apertos do Jambeiro,

com o enxoval e a festa, foi José dos Cinco, assim chamado porque o algarismo revelava a taxa mensal dos juros exigidos. Excedeu-se Jambeiro na homenagem à filha única, que se casava com um médico, filho de gente boa e abastada.

Muitos devedores já haviam concebido a morte de José dos Cinco.

Ele próprio dizia: “Se pensamento matasse, eu já estava no Araçá.” E completava a quimera, afirmando que a ele só o matariam se fosse apanhado a dormir. Sobrava razão ao agiota, pois, além do revólver que costumeiramente trazia à cinta, dispunha de corpo atarracado, rijo porém lesto, assim conformado na aspereza das profissões da juventude. Como onzenário, pensava sempre cavilosamente. Esse exercício constante e íntimo da fraude dava-lhe a convicção de agirem todos os homens da mesma maneira: o amor ao dinheiro levou-o ao extremo de odiar aqueles que o obrigavam a despende. Até mesmo quando comprava um jornal ao rapaz da esquina sentia-se furtado...

Especializara-se em empréstimo a funcionários públicos de certa categoria, com a economia doméstica estabilizada, porém não o bastante para suportar o impacto do ônus imprevisto, suscitado pelas aleivosias do cotidiano. A alguns cobrava os juros regularmente, e com ameaças, se fosse o caso; a outros permitia a acumulação, recusava amortizações e, às vezes, sugeria reformas, alegando que vivia de juros. Aos últimos, quando a dívida amadurecia, sustava a reforma, de súbito, obrigando o devedor a satisfazê-la na sua totalidade, sob pena de protesto e cobrança judicial. E assim procedia, sempre contra quem possuísse uma casa, um terreno, logo então objeto de negócio feito à pressa, com ele, em condições desfavoráveis, apenas para evitar o protesto, a publicação, a humilhação.

Foi o que aconteceu com Jambeiro. Ao verificar a traição, o ardil, a perda iminente da casa e, portanto, da



aposentadoria à sombra das árvores, ao som do mar, a idéia da morte de José dos Cinco surgiu e cresceu como solução, prestes a despencar na realidade.

\* \* \*

Os dois estampidos assustaram os rapazes que se achavam no saguão de entrada dos apartamentos do primeiro andar. Jambeiro abriu a porta, mas, deparando com os moços, fechou-a. Alguns segundos depois, abriu-a de novo e, trancando a fechadura, atravessou o pequeno saguão, começando a descer a escada, quando ouviu:

— Pra mim foi esse “cara” que deu os tiros.

Jambeiro apertou o passo, robustecendo a suspeita. Já na porta do edifício, o grito de “pega ele!” transformou o andar esperto em corrida. O encalço teve curta duração. Jambeiro não resistiu à celeridade da juventude e, antes da esquina, entregava-se, com aspirações profundas, molhado de suor, não só pela carreira mas também pelo calor abafante da tarde.

Destacando-se do grupo, um dos rapazes correria em direção contrária para alertar a Radiopatrulha que, aos sábados, estacionava no outro quarteirão. Os guardas conduziram Jambeiro para o apartamento, exigindo a abertura da porta. Entraram, enquanto um dos guardas interditava o ingresso dos rapazes e dos vizinhos recém-chegados. Jambeiro, pálido, indiferente, autômato, apontou o quarto e deixou-se cair na cadeira, ao lado da mesa. Os dois guardas avançaram para o cômodo indicado.

Verificara-se a previsão de José dos Cinco: os balaços atingiram-no em pleno sono. Morrera instantaneamente, porque o rosto virado para a esquerda denunciava placidez. Um cobertor vermelho, xadrezado, cobria o corpo de braços, sobre a cama.

Completava o mobiliário: armário, cômoda, cabide, mesa-de-cabeceira, duas cadeiras. Não havia desordem e, sendo José dos Cinco solteiro, só se podia pensar fosse ele

metódico e cuidadoso, ou por ali sempre andassem mãos femininas.

Examinaram os guardas as peças restantes do apartamento: banheiro, cozinha, área de serviço; voltaram à sala, dando ao companheiro a notícia do assassinio, que logo se espalhou entre os curiosos postados à entrada. Um dos guardas comunicou pelo telefone o acontecimento à Delegacia de Homicídios.

Logo depois tumultuou-se o saguão, com a chegada dos membros da Polícia Técnica e do médico legista, que se dirigiram ao quarto, rapidamente.

Lá vinha o velho Leite, manifestando a excitação que lhe causa o mistério. Vive dele, como o advogado, da dúvida; o médico, do mal; o presbítero, da fé. Sem ele a inteligência enfastia-se, como se lhe faltasse nutrição. Procurou nos hiatos álgidos substituí-lo pelo xadrez, como exercício mental, mas a dinâmica ordenada no jogo não correspondeu à espera. Por falta, precisamente, do elemento primordial do mistério: o que a inteligência do homem não pode explicar ou compreender. Então, na ausência do atrativo intelectual, punha-se a comer desbragadamente, sem abandonar o uísque com muito gelo e pouca soda, motivo por que subira a escada com esforço e agora chegava ao apartamento, suado, em arfadas leves, porém perceptíveis; é que alguns quilos ganhara no período dos crimes praticados por “veristas”, como dizia, homens dedicados ao vero, que se põem ao lado do cadáver, no retrato mais perfeito da culpabilidade.

Afastando os curiosos, introduziu-se o velho Leite no apartamento, pôs-se a examinar detidamente a figura de Jambeiro, como o físico perscruta um cálculo na lousa. Conferido o resultado, encaminhou-se para o quarto e dirigiu-se aos companheiros:

— Já vi tudo. Caso de rotina. O cadáver aqui e o criminoso ali. Podem fazer o exame.

— Pois não. Mas desde já posso informar o seguinte: os dois tiros ouvidos nitidamente pelos vizinhos foram disparados há cerca de vinte minutos e este homem está morto há duas horas mais ou menos.

— Quê?

— É isso mesmo.

Transmudou-se a expressão do velho Leite. Passou a acompanhar os gestos do médico com o interesse do jogador que escolta com o olhar o giro da bolinha branca no prato da roleta.

— Foram três os tiros, Dr. Leite, porém só um deles poderia ter matado instantaneamente. Esse, com certeza, atravessou o coração. Os outros, embora tenham atingido regiões nobres, poderiam não causar a morte.

O velho Leite saiu do quarto e, na sala, inquiriu Jambeiro:

— Vamos lá! Conte a história. E nada de “truta”, hem?

— Doutor, eu não vim pra matar. Juro pelo que há de mais sagrado. Vim falar sobre o negócio da casa. Ele queria me arruinar, doutor. Queria me deixar na miséria. O senhor sabe, não é? Ele era agiota. Cobrava cinco por cento ao mês. Santa ingenuidade a minha de acreditar nas promessas dele!

— Devagar, homem! Conte a coisa direito.

— O José dos Cinco era meu credor. Fiz a dívida por causa do casamento da filha. Falavam mal dele, mas comigo sempre agiu corretamente. Concordava até que os juros fossem somados ao valor da dívida. Eu não sabia que isso fazia parte de um plano diabólico, compreende? Há quinze dias mais ou menos, no vencimento do título, exigiu o pagamento integral, sob pena de execução. Caí da égua, doutor. Conversa vai, conversa vem, acabei por combinar com ele que eu venderia a casa e pagaria a dívida com parte das prestações. Achei um comprador, mas como a primeira prestação somente seria paga dentro de sessenta

dias e não trinta, como estava combinado, vim aqui pra ver se ele concordava com essa alteração.

Interrompeu o relato para tomar fôlego e recomeçou:

— Quando eu cheguei, doutor, a porta estava apenas encostada. Entrei. Como não vi ninguém na sala, fui até a porta do quarto e dei com o José dos Cinco dormindo. Nesse momento, doutor, tive um mau pensamento: roubar o meu título e cair fora. Os títulos vencidos andavam sempre nessa pasta. O meu não estava aí dentro, mas em compensação encontrei isto: carta do advogado de José dos Cinco, comunicando que havia proposto a ação de cobrança contra mim. Fiquei alucinado, doutor, alucinado! Completamente alucinado com tanta hipocrisia! Perdi a cabeça. Fui ao quarto, peguei o revólver que estava em cima da cômoda e dei os dois tiros sem dó e sem piedade.

— Mas você não notou nada de extraordinário?

— Não senhor. A não ser que ele não fez o menor movimento. Devo ter acertado no coração. Depois, com a cabeça fervendo, como o senhor pode imaginar, saí do apartamento. O resto da história o senhor já sabe.

O delegado voltou ao quarto e perguntou ao técnico da polícia:

— Pronto?

Ante a resposta afirmativa, determinou a remoção do corpo para a autópsia.

— Preciso de uma informação com urgência: se a bala que matou, isto é, a do primeiro tiro, pertence a outro revólver.

Depois de revistá-lo, os guardas da Radiopatrulha conduziram Jambeiro para a Delegacia de Homicídios. Os enfermeiros levaram José dos Cinco para o necrotério.

O velho Leite dirigiu-se ao saguão, aproximou-se dos rapazes que haviam perseguido e dominado Jambeiro, indagando se ele, na carreira, se desfizera de alguma coisa, de um revólver, especialmente. Resposta negativa.

— Vocês estiveram todo o tempo aqui?

— Até servirem o almoço, sim. Tomando aperitivo e conversando. Entramos no apartamento para fazer os nossos pratos e voltamos para comer aqui. Entramos todos na hora do bolo, para cantar os “parabéns”.

— Quer dizer que alguém poderia ter entrado ou saído, sem ser visto por vocês?

— Sim, durante a nossa ausência.

— Muito obrigado.

Fechada a porta, o velho Leite reuniu os companheiros na sala:

— Estamos diante dos seguintes problemas: primeiro, saber se a bala que matou José dos Cinco pertence a outro revólver que não o da vítima, usado por Jambeiro. Se pertence a outro revólver, tudo leva a crer que é outro o assassino. Por quê? Porque só encontramos um revólver. Além disso Jambeiro informa ter topado com a porta encostada, o que ajuda a pensar que alguém andou por aqui antes dele... Mas, há uma outra hipótese: a de Jambeiro ter dado o primeiro tiro, também, com um revólver seu. Depois de uma hora ou de hora e meia, dispara de novo sobre o cadáver, com o revólver da vítima, assinalando a autoria desses disparos com a saída imediata e a prisão espetacular.

— Nesse caso, Dr. Leite, teria havido premeditação. Um plano perigoso, maluco mesmo. Ele teria que contar com a presença de alguém no saguão para comprovar o momento dos tiros e o de sua saída.

— Além disso, os vizinhos afirmam não ter ouvido o primeiro tiro.

— Você tem razão quanto ao risco do plano, mas não é impossível que ele o tenha engendrado, com todas as cautelas, para criar um alibi extraordinário: a sua ausência no momento em que foi dado o primeiro tiro, pois, quase duas horas passadas, atirou no homem, supondo que estivesse vivo. O fato de não terem ouvido esse disparo perde o interesse: quer desfechado por Jambeiro, quer por

outro, não foi ouvido mesmo. Admitindo-se, porém, que o plano existiu e foi executado com êxito, o revólver de Jambeiro deve estar escondido aqui no apartamento. Verificamos que ele não se desfez de coisa alguma na corrida. Nesse caso, não há melhor ocasião para encontrarmos o revólver do que agora. Primeiro, porque o esconderijo deve apresentar marcas recentes de sua utilização. Segundo, porque não sabemos quanto tempo levarão as investigações à procura do segundo homem. Não poderíamos manter o apartamento fechado por muito tempo.

— Dá licença, Dr. Leite. A versão de Jambeiro também é admissível. Quando os rapazes deixaram o saguão, ele entrou no apartamento, procurou o título, achou a carta e atirou contra o cadáver. Quis sair como entrou, mas os rapazes haviam voltado.

— É verdade. Mas eu não abandono a hipótese de Jambeiro ter sido o autor de todos os disparos.

O próprio delegado levantou o fone, ouviu a informação. Desligou.

— A bala do primeiro tiro, a mortal, pertence a outro revólver, calibre 32. Jambeiro atirou mesmo sobre um cadáver, cuja idade era de hora e meia, mais ou menos. Vamos procurar a outra arma e verificar a hipótese de ser ele o autor de todos os tiros. Examinaremos este apartamento centímetro por centímetro. Nós dois examinaremos a sala. Vocês, o quarto. Não se esqueçam da lição de Edgard Poe, n' "*A Carta Roubada*". O esconderijo estava na cara da polícia. E agora, toca a trabalhar.

Sacaram os paletós e começaram a faina ingente e meticulosa-, retirar gavetas, revolvê-las; revirar móveis, esquadrinhando-os; descosturar os assentos de cadeiras e poltronas; desmontar as caixas das persianas; descoser o pano do colchão de molas; partir vasos de plantas, remexendo a terra; desventrar travesseiros; levantar e sacudir objetos, roupas, toalhas; esmiuçar recantos,

anfratuosidades; desatarraxar globos de luz; remover retratos pregados à parede; desfolhar os poucos livros; esvaziar a geladeira; percutir os tacos do assoalho, pondo atenção nas emendas. Resultado: nada.

Com os mesmos escrúpulos, minúcias e desvelo, examinaram cozinha, banheiro e a pequena área de serviço.

— Galeno: vá buscar um pedreiro para abrir o esgoto do banheiro.

Veio o operário, emprestado por um mestre-de-obras incumbido de construção na vizinhança.

Enquanto trabalhava no levantamento dos ladrilhos, fiscalizado por Galeno, sentaram-se os outros à mesa, para descansar, envoltos pelo silêncio da frustração. Ouviam-se as batidas do martelo.

— Esse negócio vai demorar um pouco. O José dos Cinco não pode mais beber as cervejas que estão na geladeira. Acho que nós as merecemos. No fundo, estamos trabalhando para ele...

— Boa do Dr. Leite!

Logo depois refrescavam-se.

— Antônio: vá levar dois copos para os trabalhadores do banheiro.

Terminara a busca do pedreiro. Nada feito. Um revólver — por menor que fosse — não passaria pela tubulação do esgoto, mormente nas conexões.

— Muito bem. Acho que esse Jambeiro está na rua. Separei os papéis referentes aos negócios de José dos Cinco. Amanhã abriremos a caixa do Banco. Era muito esperto. Andava sempre com pouco dinheiro. Todo o seu movimento era feito através de cheques. Isso é muito raro, tratando-se de agiotas. Gostam, em geral, de ver o dinheiro. Com a lista de devedores vamos localizar os eventuais suspeitos.

Ordenando a Galeno que mandasse recompor o apartamento, com a colaboração do pedreiro e de um

tapeceiro, o velho Leite pilotou a retirada.

— Galeno: mande também um homem para cá, para que se respeite a norma — um pouco antiquada, aliás — de que o criminoso sempre volta ao local do crime.

\* \* \*

Cientificado de que não matara José dos Cinco, Jambeiro contratou um advogado e obteve a sua soltura imediata. Mais ainda: apurou que não havia cometido senão um delito: o de violação de domicílio, pois entrara e permanecera clandestina e astuciosamente em casa alheia. Não se lhe podia imputar o crime praticado contra o respeito aos mortos, como seria o de destruir cadáver parcialmente ou de vilipendiá-lo, como diz o Código Penal, porque, ao atirar em José dos Cinco, julgava fazê-lo contra um homem vivo. Por outro lado, era defeso inculpá-lo do crime de ofensa à integridade corporal, porque nesse tipo de delito a sobrevivência da vítima é a condição primeira.

\* \* \*

As investigações policiais focalizaram, por excelência, um tal Jorge Vereda, cuja casa residencial deveria ser vendida em praça pública, resultado da ação executiva movida por José dos Cinco. Não pôde, entretanto, ir a polícia muito além das primeiras buscas: Vereda, aos sábados — como aconteceu no dia do crime — reunia-se com colegas no Bar das Treze Listas para beber caipirinha e depois comer frango com polenta em São Bernardo.

As diligências, de início cheias de vivacidade e alvo do interesse da imprensa, foram aos poucos esmorecendo para tornar-se quase nulas, com a ocorrência de outros crimes. Encaminhava-se o crime do Jabaquara para o arquivo dos casos inexplicáveis. Desapareceu do noticiário



para ressurgir, uma vez ou outra, nas verrinas dos repórteres contra a ineficácia da polícia.

O velho Leite não se conformava com a situação, mas a sua inteligência, perícia e capacidade de trabalho foram impotentes para erradicar o mistério. Não houve jeito. O caso encruou. Embora titular de êxitos, o delegado não escondia o desgosto da primeira derrota.

\* \* \*

Alguns quilômetros adiante de Itaguaí, a estrada de rodagem aproxima-se do mar e então, até Mangaratiba, viaja-se dentro de paisagens marinhas de beleza incomum. As praias, os recortes dos morros, a vegetação continuam a harmonizar-se em formosura na direção do sul, passando por Angra dos Reis, Parati, Ubatuba, até atingir Guarujá. Mas, no litoral fluminense, as centenas de ilhas espalhadas desde Sepetiba até Parati alindam os panoramas, quebrantando a imensidade do mar.

Quando o automóvel completou a curva, surgiu a placa: “A 100 metros, entrada para Muriti.” O motorista diminuiu a marcha e, desviando para a esquerda, seguiu o caminho indicado. No banco de trás, o velho Leite e seu companheiro Galeno, silenciosos ante a cartada que o delegado iria jogar.

Num dos bares do incipiente balneário, informaram-lhes morar Jambeiro numa pequena chácara, além da praia. Lá não se chegava de automóvel; ia-se a pé, por um caminho que margeava as pedras batidas pelo mar.

O carro estacionou em terreno firme e sombrio. O velho Leite desceu, barafustou pelo caminho, subiu um pequeno aclave; no alto atinou com a prainha, onde a vegetação graúda singularmente terminava nas areias. Começou a descida, mas, antes de atingir o sopé, já distinguia os dizeres inscritos no portão, com tinta branca: “Chácara do Jambeiro.” Logo adiante vislumbrava-se a casa, sumida no arvoredos:

- Ó de casa!
- Entre!
- Tem cachorro?
- Não tem, não.

Jambeiro surgiu à porta e só aí apurou quem era o visitante. Se algum alvoroço houve pelos nervos, não o demonstrou Jambeiro. Pousou o começo de gaiola no banco, ao lado da porta, dirigiu-se ao delegado:

— Ora, o que faz por estas bandas? Seja bem-vindo!

— Vou à Ilha Grande, descansar uns dias. Lá tenho um amigo que trabalha no presídio. Boa casa, boa gente, pescaria de currículo. Quando li a placa de Muriti, lembrei-me de você.

— Até pra descansar o senhor fica perto de criminosos?

— A casa é longe da colônia... Mas sim senhor, “Seu” Jambeiro: que beleza de lugar!

— Bonito mesmo. E o dia não está bom. Imagine isto com um solão daqueles. É coisa de louco, Dr. Leite. Olhe: eu não tenho uísque, mas tenho uma cachaça de Parati que é coisa fina. Vou buscar.

A vermelhidão do rosto, os olhos saltados, as pálpebras empapuçadas e os tropeções confirmavam a notícia de que Jambeiro dera para beber. Voltou com a garrafa e dois cálices.

— O senhor se lembra daquela velha canção: “À sombra de enorme e frondosa mangueira...”? Pois está ali a bicha.

Sentaram-se no banco. Jambeiro encheu os cálices, levando o seu à altura dos olhos.

— Olhe o colar, Dr. Leite. E veja como demora a sumir!

Beberam de um trago.

“Seu” Jambeiro: encerrei o caso do crime do Jabaquara. O sujeito que fez aquele serviço é de fato um colosso.

Nunca vi tanta inteligência, tanta habilidade. Não deixou o menor rastro.

— Pois deve ser mesmo. Passar o senhor pra trás não é brincadeira, não. Pensa que eu não sei? O senhor desconfiou de mim. Mandou revistar o apartamento inteirinho para ver se encontrava outro revólver.

Atendendo à insinuação do velho Leite, que levantou o cálice, Jambeiro serviu mais duas doses, entornadas rapidamente.

— Escute: sabe de uma coisa? Agora que está tudo liquidado, tenho vontade de contar como foi a coisa... Não há nada como ser inteligente, hem, doutor?

— Sou um homem que sabe perder, Jambeiro.

— O senhor cheirou a coisa. Passou perto, mas... O meu plano só leve uma falha. E não foi falha porque, como é que eu podia saber que o dono do apartamento vizinho fazia anos naquele sábado? Foi um azarão que depois deu sorte. A história é assim. Primeiro a chave. Um dia, com pressa, José dos Cinco esqueceu o chaveiro em cima da minha mesa. Havia uma única chave do tipo "Yale". Devia ser a do apartamento. Tirei um molde dela com o bloco de lacre da repartição. Depois fui estudar os hábitos do homem. Aos sábados, o crápula dava-se a um grande luxo: comia feijoada a valer e depois dormia a tarde toda. Eslava de colher, Dr. Leite, porque ele dizia que só conseguiriam matá-lo se estivesse dormindo. Fiquei então na dependência da biruta do Campo de Congonhas.

— Da biruta?

— Gozado, não é? Da biruta, sim, senhor. Por causa do "Caravelle".

— Do "Caravelle"? Ah! sim...

— Que sim, nada! Quer fingir que descobriu, hem? O apartamento fica a setecentos metros, mais ou menos, da cabeça da pista que dá para o Jabaquara. Quando o vento sopra de norte para o sul, o avião levanta vôo na direção do apartamento. O barulho é enorme. Agora pode concluir.

— Ele abafa o estampido.

— Exatamente. Grande essa, hem? Tudo correu bem, mas quando eu quis dar o fora, ouvi vozes no corredor. Esperei um pouco. Entendi pela conversa deles que não sairiam tão cedo. O apartamento vizinho é pequeno. Igual ao do José dos Cinco. Devia ter muita gente na festa. Por causa do calor e do espaço, os rapazes desapertaram para o saguão. Doutor, meu caro doutor, como é que eu podia sair com esta “mancha de vinho” no rosto? Qualquer um me reconheceria... depois. Daí é que eu tive a grande idéia. A maior. Foi quando vi a caixa de ferramentas. O senhor sabe que o José era um sovina. Ele mesmo fazia os serviços de eletricista, encanador, essas coisas de casa. Pra não gastar dinheiro. Então pensei em matar o José outra vez. E com o revólver dele. Agora já percebeu o resto do plano. As testemunhas dos novos tiros seriam os rapazes que estavam no corredor. Havia uma dificuldade: precisava sumir com o meu revólver. Então imaginei despachá-lo pelo esgoto.

— Mas um revólver, mesmo daquele calibre não passa nas conexões do esgoto. Apurei isso muito bem.

— Não passa mesmo. Mas desmontado passa. Eu precisava de um certo tempo para separar o primeiro tiro dos dois outros. Nesse intervalo, com a ajuda das ferramentas do José, desmontei o revólver e despachei-o em pedaços. A chave também foi. Cobri o cadáver com o cobertor, atirei pela segunda vez, procurando não atingir o coração. Os rapazes, as minhas testemunhas, estavam no saguão. Diga, doutor, foi um serviço limpo, não foi?

Encheu mais dois cálices, mas o velho Leite não bebeu, dessa vez.

— Foi realmente um grande trabalho.

Já com a voz pastosa:

— E depois, o José dos Cinco era um casca de ferida. Muita gente ficou alegre com o que eu fiz.

— Jambeiro, obrigado pela sua bebida. Vou indo. Ainda tenho muito que andar.

— Na volta porte aqui de novo. Não há como ser inteligente, hem, Dr. Leite?

— É. Com prazer.

O delegado atravessou o portão e pôs-se a subir o morrote com vivacidade; sem diminuir o ritmo dos passos, terminou a subida, desceu, chegou ao automóvel.

— Confessou, Dr. Leite?

— Confessou. O plano deu em cheio. Vamos ver se ficou tudo em ordem.

Tirou o prendedor de gravata, com cuidado, desprendendo o fio do avesso do paletó, na altura do bolso externo. Era um pequeno microfone. Tirou do bolso uma caixa parecida com os rádios portáteis. Um gravador de pilha. Abriu-o e acionou os discos que giraram, para depois, no movimento contrário, emitir o som: “Olhe o colar, Dr. Leite. E veja como demora a sumir!” “Seu” Jambeiro: encerrei o caso do crime do Jabaquara...” E o diálogo reproduziu-se palavra por palavra até o fim.

— Formidável! Pegamos o homem.

— Podem ir buscá-lo. Vai conosco.

— Dr. Leite, nunca vi tamanha tenacidade do senhor, como nesse caso. Mais do que tenacidade: teimosia. Só explico sua atitude, se o senhor estivesse convencido de que o Jambeiro era o criminoso.

— E estava.

— Por quê? O que o levou a essa convicção?

— Muita coisa já conhecida, mas principalmente o cobertor. Você deve lembrar-se do imenso calor que fazia naquela tarde. José dos Cinco jamais usaria um cobertor. Logo: alguém o cobriu e se o fez foi para esconder alguma coisa. Evidentemente. Se Jambeiro visse o sangue provocado pelo primeiro tiro, por ele mesmo disparado, não poderia dar os outros dois, que lhe garantiriam o alibi. Estaria matando um morto, conscientemente. Cobriu,

então, o cadáver com o cobertor vermelho, a fim de poder afirmar que José dos Cinco estava dormindo. "Não há como ser inteligente", mas também é preciso não se esquecer do calor...

## Denúncia Sem Palavras

Quando os “ingleses”, como eram chamados em Montes Verdes e arredores, andavam, em cavalos e jipes, a examinar as terras, ninguém acreditava no sortilégio de sua invasão pelas águas do Rio Grande. Mas quando o oficial de justiça atravessou a cancela para entregar a contraia. o primeiro sitiante que o recebeu cobriu com os olhos a plantação, fechou-os depois, repentinamente, como se já enxergasse as águas subindo pelo milharal.

Nessa época, os advogados da companhia incumbida de construir a Usina de Segredo empenhavam-se no ingente ofício de promover as desapropriações. Superar os conluícos cartorários; impor-se a expropriandos desconfiados e, por isso mesmo, sem patronos; resistir aos colegas defensores “do chão adubado com o suor dos clientes”; haver-se com sagazes peritos; acompanhar diligências na mata; percorrer sedes de comarca, distritos, vilarejos; engolir pó de estrada: compor o sono na cama dura das pensões, esse o trabalho escolhido por Pedro Olivares para esquecer Maria Pia.

Procurando sombras na calçada, seguia Olivares, a prelibar a cerveja gelada e o banho frio, seus recursos na luta contra o calor, o caso mais penoso de enfrentar na região de Montes Verdes. Ao virar a esquina, colado ao muro para valer-se da nesga de sombra, temeu pelo destino de seu refrigerio. Um automóvel à porta de sua casa. Da expectativa de uma conversa sobre valor de terras nasceu um enfado que ainda mais lhe debilitou os passos. Mas assim como a flecha irrompe da parada do arco, uma energia súbita brotou do cansaço, e Pedro Olivares forçou a marcha para despachar o visitante.

Lá estava ele na sala, como todos os outros em atitude modesta, melancólica, para suscitar complacência.

— Que é que há... velhinho?

Não sustentou até o fim o tom ríspido da pergunta, amenizando o com o diminutivo. embora onerado ainda com pequena carga de aspereza.

— Foi o Dr. Mendonça quem me mandou.

— Que Dr. Mendonça?

— O Dr. Fausto, do Lajedo.

— Não sabia que ele estava no Lajedo. Que é que ele quer?

— Ele matou a mulher. Está preso e não tem advogado. Pediu para o senhor ir hoje mesmo.

— Não me diga! Como foi?

— De bala, doutor. E ela bem que merecia. Diziam que andava com o tenente.

— Não. Não posso acreditar nisso. Casados há um ano. mais ou menos...

— Traição de mulher não tem idade, não.

Depois do impacto da notícia, chegou-lhe uma lembrança calma de Maria Pia: a da despedida, quando harmonizou olhar e sorriso para dizer-lhe, com o primeiro, quanto lastimava o sofrimento por ela causado; com o segundo, quanto era feliz.

— O senhor vai, não é? Ele é um bom sujeito, doutor. Cura uma porção de gente sem cobrar nada. Mulher é um bicho do diabo...

— Vou, sim. Um momentinho.

Voltou com uma garrafa de cerveja, levantando-a em direção do mensageiro; obtendo resposta afirmativa, encheu dois copos, logo esvaziados devotadamente.

— Como é o seu nome?

— Francisco; mas me tratam de Tatu.

— Pois vamos, "Seu" Tatu.

Os solavancos do automóvel coincidiam com as recordações desordenadas. Atingido o asfalto, Olivares



recostou-se no banco à procura de posição cômoda para arrumar as lembranças de Maria Pia; repelidas até ali à custa de trabalho, de exaustão, agora invadiam-lhe a retina, arrepiando-lhe a pele como no tempo da Faculdade. Recordou os primórdios da paixão, quando Maria Pia manifestou com reserva, e até com certo desvelo, o seu desinteresse. E ele confundira a delicadeza d'alma com recato, com timidez, o que só serviu para aquecer-lhe mais o coração. E passou a amá-la com prudência, mas com fervor; com respeito, mas com desejo. Na sua cegueira, julgou que a moça saberia interpretar, como sinais de amor ardente e de apreço a seu acanhamento, os ensaios de carinho, o tracejar das cortesias, a simbologia dos presentes.

Triste equívoco e mais triste ainda a sua revelação.

— Maria! Você então não gosta de mim? E as glicínias, Maria? O passeio a Santos, Maria?

— Calma, por favor! Pensei que você tivesse entendido tudo naquele dia. Passei a tratar você, depois, como um amigo, um grande amigo.

Veio o noivado com Fausto Mendonça, médico, parente de Maria Pia. E apesar disso, sempre a paixão. Antes do casamento, a viagem para Montes Verdes e o trabalho estafante, invocado como terapêutica para esquecer.

— O senhor está quieto...

— Pensando, "Seu" Tatu.

O retorno de Maria Pia envolveu Olivares a ponto de embuti-lo no passado, no queimor da paixão cheia de respeito, de silêncio, de cuidados. como se Maria ainda vivesse.

Solavancos do carro anunciaram a chegada ao Lajedo.

— Tatu: leve-me primeiro aonde ela está.

— Sim senhor. O corpo está na casa dela mesmo.

Estacionado o carro no Largo da Matriz. Olivares desceu abotoando o casaco; alinhou os cabelos com as mãos. Pedindo licença, cortou o grupo de pessoas formado no

jardim da casa, seguiu pelo corredor e parou à entrada da sala. Desabrido o coração, pulando como se tosse alcançar um prazer.

O caixão nos quadriláteros dos tocheiros e das cadeiras ocupadas por uma faixa de vestidos negros e por expressões afeitas a velório. Murmúrios de terços. Estalidos de círios. Tosse entrecortada.

Olivares avançou, aproximando-se do caixão.

— Mas não é Maria Pia!

Atalhada de regozijo, a frase mascarou de censura as expressões, ergueu a entonação das rezas, permitiu o tossido.

Sem considerar a reação, Olivares virou-se, deixando a casa com jovialidade nos olhos e nos passos.

— “Seu” Tatu! Vamos pra cadeia. E depressa!

Não era Maria Pia! Deus do Céu! Que teria acontecido? O cérebro encheu-se de hipóteses remexidas pela curiosidade.

Encontrou Fausto Mendonça detido numa sala, andando de um lado para outro.

— Que bom você ter vindo, Olivares. Obrigado. Estou metido nesta desgraça e sem advogado. Existem dois na cidade: um viajou, o outro é um crápula. Preciso sair daqui, não agüento estas quatro paredes.

— Como é que você foi preso?

— Não fui preso. Depois... da coisa, fugi para a fazenda. Fiquei lá urnas três horas, mais ou menos. Pensando melhor, resolvi apresentar-me ao delegado, E estou aqui.

— Em meia hora você está na rua. É caso líquido de habeas **corp<sup>us</sup>**. Mas... por que é que você não se casou com Maria Pia?

— Foi a maior mancada da minha vida. E para terminar desse jeito! Cretino! Nas vésperas do casamento, o Julinho — você se lembra dele? — o Julinho organizou a despedida de solteiro. Com aquelas moças do Instituto. Nessa noite conheci a Sara e me apaixonei de perder a cabeça. Desfiz o

noivado com Maria. Trinta dias depois, casei-me com essa vagabunda. Depois de tudo isso. não poderia ficai em São Paulo: vim clinicar aqui. E olhe que tive sorte ontem. Se não chego atrasado, a cidade amanhã veria dois enterros. O tenente levava logo também E Maria Pia? Casou?

— Que nada! Mais esse sentimento de culpa em cima de mim.

Na sala do delegado, cedida ao colega, Olivares redigiu o requerimento, alegando não ter havido flagrante, capaz de justificar a prisão. Entre outras hipóteses inaplicáveis ao caso. a lei considera em flagrante delito quem "acaba de cometer a infração penal" Ora. apresentara-se Fausto à polícia horas depois de cometido o crime. Prestadas as informações pelo delegado, o juiz concedeu a ordem.

Em casa de um amigo. Fausto explicou Olivares dos antecedentes do crime e dos pormenores de sua prática. Combinou-se a ida de Fausto para São Paulo, onde devia permanecer alguns dias. Olivares voltou para Montes Verdes em companhia de Tatu.

\* \* \*

Encontraram o corpo na estufa, cercado de begônias, avenças e samambaias. Estendido de costas, com uma tesoura de jardim enterrada no ventre. Agonizante. Maria Pia arrancara do peito uma cruz de ametistas: ainda a segurava, apoiada no solo, com a haste maior para cima. Paralisara-se a outra mão no cabo da tesoura, na vã tentativa de arrancá-la. O corpo atravancava a única passagem da estufa, dividida por ela em duas partes, cheias de vasos e xaxins, no chão e em prateleiras. Os pés voltados para a entrada. Não havia sinais de luta nem de violência carnal. Ao seu lado. cinzas de cigarro.

\* \* \*

Inelutável o raciocínio do velho Leite: se essa moça. depois do malogro do noivado, levou vida de freira, como

está comprovado, o seu assassino deve ser procurado na fase pregressa. quando vivia normalmente com a família, na escola, entre os amigos. Excluía a hipótese de ser um desconhecido ou um tarado o autor do crime. Quando Maria Pia entrou na estufa, lá não havia ninguém, e a pessoa chegada depois era de suas relações, necessariamente. Explicava por quê. Primeiro: a disposição das plantas não permite um esconderijo. Segundo: se Maria topasse com um desconhecido, não entraria na estufa. Terceiro: estava o corpo de costas, ocupando toda a largura da passagem, e os pés voltados para a porta: Maria Pia encontrava-se, portanto, de frente para a entrada da estufa quando foi atacada: logo. já se achava na estufa quando o assassino chegou. Quarto: correspondendo as cinzas encontradas a dois cigarros — e Maria Pia não fumava — depreende-se ter havido uma conversa mais ou menos longa entre a moça e o visitante. Por fim: Maria Pia conhecia o assassino, e o assassino deve ser procurado entre as pessoas de suas relações no tempo "pré-monástico".

Tais raciocínios conduziram o velho Leite à restauração da vida de Maria Pia naquela época, e daí justificar-se a sua presença em Lajedo, alguns dias depois, atrás de Fausto Mendonça. Conversou, promoveu investigações. No dia seguinte, juntamente com seu auxiliar Galeno, bateu à porta de Olivares, em Montes Verdes.

— Vamos entrar. Não é preciso ser detetive para descobrir que os senhores vêm negociar suas terras. Onde ficam elas?

— Não, Dr. Olivares. Vim prendê-lo. O senhor matou Maria Pia.

— Quê?... Que disse o senhor?

A afirmação dura e incisiva despedaçou a presença de espírito de Olivares, como pedra ao atingir uma vidraça; confundiu suas idéias como o vento imprevisto embaralha as folhas de papel arrumado na mesa; exibiu o crime —

provocando-lhe a confissão — como, nas trevas. o raio ilumina a árvore da floresta.

— Que desgraça, Deus meu!

Contou ao velho Leite o ressurgir da paixão desmedida, o contentamento por saber Maria Pia solteira ainda; na sua exaltação, via-se casado com ela. na plenitude do sonho realizado.

— De volta a Montes Verdes, assim que o Tatu retornou a Lajedo, tomei o automóvel e fui para São Paulo. Cento e vinte a hora, tão ansioso estava. Quando cheguei à chácara, em Itapecerica, vi Maria Pia na estufa. Pulei a cerca, fui ao seu encontro. Procurava controlar-me. Conte-lhe o que havia acontecido a Fausto Mendonça. Que só naquele dia soubera do casamento desfeito. Que o meu amor era o mesmo. Que me casaria com ela no dia seguinte. Sabe o que ela me respondeu? Que devíamos continuar como bons amigos. E como amigo, deveria eu fazer tudo para absolver o Fausto, pois assim poderia casar-se com ele! Foi demais para mim. Perdi a cabeça. Fiquei maluco. Alucinado!

Levantou-se bruscamente e pôs-se a quebrar o silêncio com passadas nervosas pela sala. De repente parou.

— Mas como é que o senhor descobriu que era eu?! Ninguém me viu sair. Viajei durante a noite. Em São Paulo, fui diretamente para a chácara. Cheguei muito cedo. Não havia viva alma nas redondezas. É claro que na volta tomei todas as cautelas. O senhor não me conhece... Alguém me denunciou, por acaso?

— Sim senhor.

— Quem?

— Maria Pia.

— Impossível. Ela foi encontrada morta.

— É exato. Mas aconteceu uma coisa. Ela apertava uma cruz na mão direita, com o pé virado para cima. Quando topei com a sua presença na história de Maria Pia,

não tive dúvidas em concluir pela sua culpabilidade.  
Apenas um raciocínio, agora confirmado.

— Continuo não entendendo nada.

— Como é seu nome?

— Pedro Olivares.

— E então?

— Então o quê?

— Pelo que se vê, o senhor não conhece a História Sagrada. São Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. Aconteceu no tempo de Nero... Quando Maria Pia, no último alento, arrancou a cruz do peito e colocou-a naquela posição, queria evidentemente dizer alguma coisa com o gesto extremo. Queria dizer e disse o seu nome: Pedro.

COLEÇÃO PRESTÍGIO

## O Homem que Matava Quadros



Luiz Lopes Coelho

Este livro contém as melhores histórias policiais escritas no Brasil. Todas elas alcançam o mesmo alto nível dos contos internacionais do gênero, que tanto sucesso fazem no mundo inteiro. A tragédia do matador de quadros e as outras histórias são obras-primas que merecem uma atenciosa leitura.

---

Os livros de bolso da Ediouro são publicados a preços acessíveis e formatos convenientes. Além de leves e portáteis cabem no bolso de um paletó ou na bolsa de uma mulher.

ISBN 85-00-90765-7



Capa: EN EL GRIS. 1919. Coleção Nina Kandinsky, Paris